

O
N
O
F
R
E



O
F
U
T
E
B
O
L
C
L
U
B
D
E
P
O
R
T
O

Vencedor da 1.ª etapa (independentes)

Stadium

N.º 193—14 de Agosto de 1946—Esc. 2\$00



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA



No Estádio do Lumiar, os ciclistas da XI «Volta» em saudação às entidades oficiais

O Sr. Governador Civil de Lisboa acompanhado do Sr. Alfredo Moreira, administrador-delegado do Diário de Notícias despedem-se dos corredores

COMEÇOU a «Volta», esta prova admirável de campeões, «ases» da energia, triunfadores magníficos de um desporto que tem de ser vivido com entusiasmo, com alegria.

Iniciou-se a grande corrida num ambiente de festa, envolta nas exclamações espontâneas do nosso bom povo, por entre um ruído vibrante que anima e acompanha todo o percurso de uma Volta a Portugal em bicicleta.

Domingo passado, Lisboa teve um grande acontecimento para presenciar: o desfile dos ciclistas da «Volta». E Lisboa, sob o sol quente de Agosto, veio para a rua, foi ao Estádio do Lumiar, acolheu-se à sombra das árvores das avenidas, interrompeu o trânsito nas ruas da Baixa, foi assistir à partida do barco em que os ciclistas atravessaram o rio e aglomerou-se em Cacilhas, foi até à Cova da Piedade, com os seus «vivas» saudáveis e entusiásticos.

A longa caminhada que os ciclistas empreenderam teve um princípio da grande animação que a vai acompanhar através das estradas de Portugal, nas melhores cidades, nas mais pequenas aldeias.

A «Volta» desperta mais uma vez o entusiasmo da multidão!

Quando depois do sr. Governador Civil de Lisboa se ter despedido, um por um, de todos os concorrentes, quando aquelas seis dezenas de «ases» do pedal saudaram as entidades oficiais e começaram deslizando pelo Estádio, num conjunto curioso e garrido pelas cores das suas camisolas, a dúvida, a interrogação que se negava a ser pronunciada, saltou espontaneamente, veio para o ar, eolou-se aos ciclistas: Quem será o campeão?!

A multidão não cessou de apontar os seus favoritos, ou de gritar pelos mais conhecidos, e em volta deles, de sorriso nos lábios, confiantes, os «novos» da «Volta».

A «Volta» é uma prova para campeões! Quem serão os ídolos da XI Volta a Portugal em bicicleta?

Tentámos arquivar algumas opiniões.

Raul de Oliveira, o grande animador das «Voltas», o infatigável e entusiástico director-técnico disse-nos com um sorriso de satisfação:

— O vencedor? É aquele que ao fim da «Volta» totalizar menor número de horas. Não será um prognóstico infalível?

Antero Ventura, director e delegado da Federação de Ciclismo na prova: — É muita ousadia responder. Rebelo?, Fernando Moreira?, Inácio, Lourenço? Fico-me na interrogação.

Manuel Mota, o nosso prezado camarada e presidente da Federação de Ciclismo, que vai pela 6.ª vez à «Volta»:

— É difícil. E depois, na prova é tudo tão con-

Começou a VOLTA A PORTUGAL

Em boa velocidade os corredores passam junto ao monumento do Marquês de Pombal

A bordo do Palmelense. O homem e a máquina



A XI VOLTA A PORTUGAL

iniciou-se sob aplausos e vibrantes entusiasmos

Os «consagrados» estão ainda na expectativa, mas surgem revelações

O GALOPE DE 44 QUILOMETROS

de Laranjeiro a Setúbal

(Dos nossos enviados especiais, TAVARES DA SILVA e RODRIGUES TELES)

Setúbal, 11 (pelo telefone)—Foi uma verdadeira apoteose! A partida para a 11.ª Volta a Portugal torna-se inesquecível. Desde as 14 horas que os vapores de Cacilhas despejavam gente. E no trajeto para a Cova da Piedade, alongando-se até o Laranjeiro, uma simpática povoação para lá das barreiras e antes de Corroios, não cabia uma agulha! Um mar de gente desembocava e enchia a estrada, vibrando de entusiasmo. Não forçamos a nota dizendo que, nunca, em anteriores Voltas, se registou assistência tão grande e entusiasmo tão vibrante. Confirmou-se mais uma vez que, depois do futebol, o ciclismo triunfa.

De resto, o entusiasmo não se verificou apenas no local da meta do Laranjeiro, mais quilómetro menos quilómetro. Durante todo o percurso, e especialmente nas povoações, a curiosidade foi mais viva do que nunca. Os corredores passavam num relâmpago, e toda a gente, aguardando horas, dava-se, no entanto, por contente! Muitos corredores não são ainda conhecidos do público. São, por enquanto, números que passam, e não homens. Mas não haja dúvida, a Volta contém o poder suficiente para dar ilusão!

Em Cavadas, Lagoa Seca, Farinheiras, Paio Pires, Coína (crucamento), Azeitão e Palmela, o entusiasmo atingiu o delírio. Em Setúbal excedeu todas as expectativas. Mais de dez mil pessoas aguardavam, palpitando, ansiosamente, a chegada dos bravos rapazes. Quando eles surgiram, mesmo em pelotão, a multidão estremeceu, vivendo, em um instante supremo, uma profunda emoção. Onofre Tavares, do Porto, venceu, e conjuntamente com ele, o ciclismo. Os aplausos irromperam de todos os lados. O delírio. A Volta deste ano estava lançada, e o «Diário de Notícias» e «Mundo Desportivo» haviam prestado um belo serviço ao ciclismo nacional.

Sob o ponto de vista técnico, a tirada Laranjeiro—Setúbal, 44

quilómetros em 1 h., 13, m. 25 s., foi o que devia ser. Talvez melhor do que se aguardava. Com um pé no Laranjeiro e outro em Setúbal, os corredores ainda se deram a um ou outro esticão, em tentativa magnífica. Tudo balado! Ninguém se deixou ajudar, resistindo heroicamente. Esta primeira tirada, embora em pelotão, diferiu de todas do género. Teve atractivos. Todos se qualificaram. Alguns entrando na meta em pasteleira. Mas os azares não podiam ser fatais. A tirada era pequena demais para as estrelas de cada um empalidecerem...

A decisão foi dada na meta. Onofre Tavares, um novo, do Porto, seguido de Custódio dos Reis, do Sporting, como um bolide, cortou a meta, que, mais tarde, havia também de ser cortada em primeiro lugar pelo amator José Martins, do Benfica.

Estava decidida a primeira batalha. Mas outras se anunciam mais bravas e difíceis. Os passos vão converter-se, através das serras e da poeira, em calvário.

A luta entre os independentes

Esta tirada de 44 quilómetros, entre a Cova da Piedade, um pouco mais além, no Laranjeiro, e a cidade de Setúbal, foi vencida à média de 35,877 quilómetros, para independentes, e 32,241, em amadores.

A etapa deveria ser naturalmente ganha por homens rápidos. Onofre Tavares, Fernando Moreira, do Porto, João Lourenço, Eduardo Lopes, Custódio dos Reis, de Lisboa, e ainda os dois marroquinos, do Grupo Desportivo da Iluminante, eram apontados como favoritos. A sorte calhou mesmo a um deles, por sinal o mais jovem, rapaz de 18 anos, cheio de qualidades, posto que inexperiente deste género de corridas.

Os corredores partiram à hora prevista, 18,20, perante milhares de pessoas. O sr. dr. João Denis deu o sinal, e os primeiros 10 quilómetros foram vencidos sem tentativas. Só em Torre da Marinha se deu o atraso de Túlio Pereira, mas por pouco tempo:—breve recolou.

Em Paio Pires, Djilali adiantou-se uns metros, mas o pelotão não se deixou fraccionar. Os corredores sabiam bem que a situação apenas se «resolveria» perto da meta e, assim, só em Coína houve certo movimento por causa de um prémio de 100\$00, que o Iluminante Eduardo Lopes ganhou. Foi a primeira dádiva da XI Volta a Portugal em bicicleta...

Quando os corredores chegaram a Azeitão, pretenderam Manuel José Pereira e José Martins separar-se. Conseguiram cem metros de avanço, aproximadamente. Sol de pouca dura...

A povoação de Palmela foi ultrapassada em pelotão. E em pelotão se continuou até à meta, instalada no Jardim de S. Tiago, próximo do Campo do Vitória de Setúbal. Ao longo do percurso vedado—milhares de pessoas.

Quando os corredores surgiram ao fundo da Avenida, todos se prepararam para viver o espectáculo, que teve beleza. Na frente:—muitos favoritos. A cerca de 20 metros, Onofre Tavares esticou enérgicamente, deixou Custódio dos Reis no seu flanco e atravessou o risco em primeiro lugar.

Eis a ordem da classificação:

	H	M	S
1. Onofre Tavares (F. C. P.)	1	13	35
2. Custódio dos Reis (Sporting)			m. t.
3. F. Moreira (F. C. P.)			m. t.
4. Djilali (Iluminante)			m. t.
5. Império Santos (individ.)			m. t.
6. João Lourenço (Sporting)			m. t.
7. Aniceto Bruno e António Dias Santos (F. C. P.); João Rebelo; Aristides Martins, Francisco Inácio, Júlio Mourão e Luis Pereira (Sporting); Eduardo Lopes, José Martins, Jorge Pereira, Guilherme Jacinto, José Santos Rato e Driss (Iluminante); Túlio Pereira, Baltasar Rocha, Baptista Alves, Manuel Jorge e Pais Cabral (Sangalhos); Tavares da Silva e Pinto Ribeiro (Lisgás); Manuel Cardoso e Jerónimo Souto (Académico); Manuel Pereira (Salgueiros) e João Viegas (Louletano)			m. t.
31. Carlos Quadros (Lisgás)	1	14	14
32. José Gaspar Paulo (Sangalhos)	1	14	19
33. Manuel Barros (Louletano)	1	14	39

34. Manuel Rocha (Iluminante)	1	14	45
35. Aristides Paulo (Lisgás)			m. t.
36. José Ferreira (individual)	1	14	58
37. Manuel Viegas (D. Faro)	1	29	19

Por Equipas

	H	M	S
1. Futebol Clube do Porto			
Onofre Tavares (1)	1	13	35
Fernando Moreira (3)	1	13	35
Aniceto Bruno (7)	1	13	35
	3	40	45
2. Sporting Clube de Portugal			
Custódio dos Reis (2)	1	13	35
João Lourenço (6)	1	13	35
João Rebelo (7)	1	13	35
	3	40	45
3. Grup Desportivo Iluminante			
Djilali (4)	1	13	35
Eduardo Lopes (7)	1	13	35
José Martins (7)	1	13	35
	3	40	45
4. Sangalhos Desportos Clube			
Túlio Pereira (7)	1	13	35
Baltasar Rocha (7)	1	13	35
Baptista Alves (7)	1	13	35
	3	40	45
5. Clube Desportivo Lisgás			
Tavares da Silva (7)	1	13	35
Pinto Ribeiro (7)	1	13	35
Carlos Quadros (31)	1	14	14
	3	41	24

A luta entre os amadores

Quinze minutos depois da partida dos «independentes»,—saiam os amadores. Havia curiosidade em ver até que ponto se comportariam...

Nesta primeira tirada pouco pôde ver-se, entretanto, que nos habilite a um julgamento seguro. A corrida decorreu sem incidentes, e apenas um «arilhão de máquinas» entre dois homens do Benfica e um do Lisgás obrigou os carros de apoio a uma paragem rápida.

Na avenida de chegada apareceram também quasi todos os amadores da prova. E a vitória foi conquistada ao «sprint». José Martins—séria e apertado por Novais—conseguiu passar a linha de chegada em primeiro lugar.

A classificação desta 1.ª etapa:

	H.	M.	S.
1. José Martins (Benfica)	1	21	52
2. José Novais (F. C. Porto)			m. t.
3. Serafim Paulo (Lisgás)			m. t.
4. António Carvalheira Nunes (Arroios)			m. t.
5. Manuel Gonçalves (Sangalhos)			m. t.
6. Manuel Espadinha (Iluminante)			m. t.
7. António Guerreiro (Gonçalves (Benfica))			m. t.
8. Herculano Constantino (C. de Ourique)			m. t.

DE SETUBAL A FARO

com passagem por Ferreira do Alentejo

Os primeiros homens da camisola amarela — O drama da nuvem de poeira, barrenta, colorida, infernal — A luta entre Independentes e Amadores — A emoção de José Martins — Um desejo de Custódio dos Reis e a alegria de Eduardo Lopes

Faro, 12 (pelo telefone) — Setúbal às 6 e picos da manhã, ainda lusco-fusco, via movimentar-se um grupo de pessoas de gestos decididos, todos com boa disposição, recebendo satisfeitos o ar fresco da manhã. Eram os ciclistas da Volta e seus acompanhantes. Ia correr-se a segunda etapa da grande corrida. Antes, porém, uma cerimónia, a mais importante desta prova de campeões: o vestir a camisola amarela ao 1.º classificado. Envergou-a Onofre Tavares, uma esperança portuense.

José Martins, o amador benfiquista, recebeu também a sua camisola cor de ouro. Comoveu-se, e sentimos o seu orgulho.

Pouco depois, já o sol doirava a rainha do Sado, souo o tiro da partida. Iam caminhar-se 120 quilómetros, os primeiros dos quais foram feitos em pelotão, que só se

fragmentou cerca de Alcácer do Sal. Já tinha havido furos e quedas mas todos se lançaram breves na recuperação. E os amadores continuaram numa réplica entusiástica, alegre. Amadores e independentes não se distanciam, mediam-se esplendidamente com os mais «ases» e assim é que, em Ferreira do Alentejo, as duas categorias somaram a mesma classificação quanto a horas.

A marcha veloz que os corredores imprimiram ao pressentirem Ferreira do Alentejo não desfez claramente o pelotão e foi um «sprint» que deu a vitória a Custódio Marques. O «amador» da camisola amarela defendia-a. E as classificações de Setúbal mantiveram-se.

Custódio Marques dizia-nos, um pouco depois da chegada:

— Não consegui arrancar a linda camisola ao Onofre. Reparo que isto já teve outro aspecto. Começamos a carburar.

De Ferreira do Alentejo a Faro

Antes da partida da caravana houve uma reunião do júri da corrida com os delegados dos clubes. Motivo: os corredores independentes queixam-se da inesperienza dos amadores, a qual lhes dificulta a marcha.

A solução é posta: fazer duas «saídas» de, uma de independentes outras de amadores. Mas não houve unanimidade de opiniões e resolveu-se manter a letra do Regulamento. As partidas são dadas em linha a todos os ciclistas.

Lançamo-nos na estrada para cobrirmos os 154 quilómetros até Faro. Mas esta marcha foi verdadeiramente infernal: seguíamos a 100 metros dos corredores e não os víamos, tão encobertos eles iam na nuvem densa de poeira. Um espectáculo inenarrável. Quando passámos em Ermidas, parecia que o pelotão unido dos ciclistas se esfrangalhariá tirando partido de já não os apoquentar a poeira. Registam-se alguns inevitáveis furos — Luís Pereira, por exemplo, duas vezes.

Já havíamos passado Aljustrel, quando o inferno da poeira nos volta a aparecer. Uma poeira barrenta, colorida, que é um tormento. Há troços infundáveis de má estrada. Mas, para Castro Verde, consolámo-nos com bom piso. O calor começou apertando. Santos Gonçalves lança-se em fuga. Um esticão decisivo. Seguem-nos todos aqueles que têm pernas. Então o pelotão fracciona-se em cinco grupos. Do primeiro encarrega-se de o comandar João Lourenço. O seguinte foi chefiado por Francisco Inácio, os outros, respectivamente, por Manuel Jorge, Império dos Santos, Gaspar

Paulo. A estrada fica animada em maior extensão. Trava-se luta de equipas entre o Sporting e a «Iluminante». Foi o aspecto mais curioso da corrida depois que saímos da Cova da Piedade. Houve esticões bem fortes, até aparecer a Serra do Caldeirão.

Vamos para o troço final com a impressão de se terminar a corrida desta etapa em beleza de com-

petição. E foi, de facto, um caso dramático de esforço esta etapa para Faro, onde o «Iluminante» Eduardo Lopes chegou primeiro, acompanhado de muito perto por Fernando Moreira, Djilalli, Custódio dos Reis, Rebelo, e mais um grupo.

O balanço das desistências deus conta de sete baixas neste segundo dia da volta a Portugal — de facto uma prova só para campeões.

Eduardo Lopes ficou contentíssimo com a sua vitória

Corremos a saber a opinião de Eduardo Lopes acerca desta sua vitória. Estava contentíssimo, exteriorizando a sua alegria num abraço muito apertado a Djilalli.

— Creia — disse-nos — que hei-de fazer tudo para me classificar bem.

— Vê sorriu-lhe a vitória?
— Ainda estamos muito longe do fim, mas tenho tanta confiança...

Evoca-se o duelo Nicolau-Trindade que galvanizou Portugal de lés a lés

ESTA é a reportagem retrospectiva... Esta é a reportagem da saudade... O jornalista cerra as pálpebras e vê... Vê esse filme colorido, toda a caravana multicolor da «volta» percorrendo as estradas de Portugal do Minho ao Algarve. Ora em cenários de grande beleza paisagística — no norte polímero ou na encantadora provincia das amendoeiras — ora nas estepes africanas do Alentejo.

Em qualquer dos «climas», porém, quer a vista se delicie no arvoredado compacto do Buçaco e da região da Bairrada, quer os corredores lutem com o «handicap» do calor e da sede insupportáveis, a «volta» é — e será sempre — a «volta», prova de características únicas no nosso país, e a única, também, que tem o condão de agitar as populações de uma ponta à outra, contagiando todos, a começar — caso curioso — pelos indiferentes...

A primeira «volta» disputou-se há dezanove anos. E, em quase duas décadas, muitos ídolos teve o ciclismo nacional. Muitos nomes passaram. Alguns, bem grandes por sinal, estão hoje completamente esbatidos na memória do público, esse público inconstante que com a maior facilidade eleva ou derruba os seus ídolos...

Mas há dois que ele não esquece — que ninguém esquece: Nicolau e Trindade. Mais talvez do que dois ídolos, eles ficaram para a história do ciclismo nacional como dois símbolos. Símbolos de uma época que se já passou, é certo, nem por isso está menos viva na nossa memória.

Falar de Nicolau — o popular Zé Maria — e de Trindade — o pequeneno-grande Alfredo, de Valada do Ribatejo — é evocar a época de ouro do ciclismo nacional, todo um período fulgurante em que o entusiasmo das multidões atingiu o indescritível e em que a luta nas estradas tomou aspectos gigantesco.

E, nesta rápida lembrança, ficam bem alguns dados biográficos. Dos mais antigos. Daquelles dos primeiros tempos.

Por exemplo: o leitor ainda se recorda do Nicolau correndo pelo Grupo Sportivo de Carcavelos? Por certo que não, pois que o popular corredor do Cartaxo está ligado a outro nome não menos popular — o do Benfica.

E foi, realmente, a camisola encarnada que ele passeou triunfante pelas estradas de Portugal. Foi com a águia simbólica no peito que venceu as «voltas» de 1931 e de 1932 — quando na plena posse de todas as suas invulgares qualidades de campeão.

Sim, foi representando o Benfica que ele triunfou no Porto-Lisboa, nas 12 voltas à Gafa, no Lisboa-Coimbra, na célebre «Volta dos Campeões», nas provas clássicas da extinta U. V. P., em tantas, tantíssimas competições...

Alfredo Trindade, o vencedor das «voltas» de 1932 e 1933, o homem que, mais tarde, iria ao Brasil representar condignamente o desporto nacional, muito embora tenha representado vários grêmios — o Rio de Janeiro, «Os Belenenses», o Velo Clube «Os Leões» de Ferreira do Alentejo — foi fundamentalmente, inclusive pelo coração, um corredor do Sporting.

E, assim, o duelo Nicolau-Trindade é, no fundo, um duelo Benfica-Sporting — a maior emulação que se pode conseguir no desporto nacional. E essa luta clubista não foi de maneira nenhuma estranha — acentue-se — ao progresso e à expansão que o ciclismo experimentou há cerca de uma década.

Numa altura em que a caravana rola já pelas estradas de Portugal, a simples recordação dessa luta gigantesca, que galvanizou Portugal do Minho ao Algarve, é o suficiente para trazer à memória muitas outras «voltas» — especialmente a de 1932 — em que esses gigantes, adversários leais, souberam ser dignos um do outro.

Ir ouvi-los? Ir arrancá-los à tranquilidade das suas ocupações cotidianas? Não é necessário. Que mais nos poderíamos eles contar do que saudades da «volta»? Sim, saudades de homens e de coisas que se poderão recordar sempre, mas que não voltam mais...

	H	M	S
9. Joaquim Sá (F. C. Porto), António Castro (Académico), Augusto Correia (Benfica), Domingos Jacinto, (C. de Ourique), João Lourenço Júnior e João Alves Lúcio (Sporting), Amândio Monteiro (Iluminante), Luis Santos e Maximino Rola (Lisboa), António de Sousa (Sangalhos), António Marques, Horizonte Rosa e José Rodrigues Silva (Arroios).....	1	21	52
22. Alexandre Dias (Sang.)..	1	22	4
23. Carlos Miguel (C. Ourique).....	1	22	10
24. Manuel Palmeira (Ginásio — Tavira).....	1	22	27
25. Alberto Alves (Benfica).....	m. t.		
26. Domingos Silva (Benfica).....	1	22	50
27. Joaquim Costa (F. C. Porto).....	1	23	23
28. Alberto Coelho (Benfica).....	1	24	1
29. Rafael Correia (C. Ourique).....	m. t.		
30. Carlos Jesus Dias (C. de Ourique).....	1	29	20

Por equipas

1. Sport Lisboa e Benfica José Martins (1).....	1	21	52
António G. Gonçalves (7).....	1	21	52
2. Futebol Clube do Porto José Novais (2).....	1	21	52
Joaquim Sá (9).....	1	21	52
3. Clube Desportivo Lisgois Serafim Paulo (3).....	1	21	52
Luis Santos (9).....	1	21	52
4. Clube Desportivo de Arroios Antonio Carvalho Nunes (4).....	1	21	52
Antonio Marques (9).....	1	21	52
5. Sangalhos Desportos Clube Manuel Gonçalves (8).....	1	21	52
Antonio de Sousa (9).....	1	21	52
6. Grupo Desportivo Iluminante Manuel Espinha (6).....	1	21	52
Amândio Monteiro (9).....	1	21	52
7. Clube Atlético C. de Ourique Herculano Constantino (8).....	1	21	52
Domingos Jacinto (9).....	1	21	52
8. Sporting Clube de Portugal João Lourenço Júnior (9).....	1	21	52
João Alves Lúcio (9).....	1	21	52

TOMÁS PAQUETE

o campeão da velocidade!



O atletismo português tem recebido ultimamente reforços de valor. Novos atletas vieram formar um conjunto em que se pode confiar.

Há gente nova no atletismo português. A afirmação, além de certa, valoriza-se pelo aspecto que se recolhe quanto ao entusiasmo com que esses novos se interessam por uma das melhores modalidades desportivas. Resta agora que os ajudem com o necessário amparo técnico, conseguindo-se para o atletismo português o apoio de que ele carece para melhor se impor. Este desejo transmitimo-nos os seus praticantes sempre que deles nos acercamos para lhes ouvirmos as suas opiniões, a história dos seus triunfos.

No grupo dos mais novos, Tomás Paquete surge-nos com prometedora esperança. Os seus 100 metros são admiráveis. Novo, 20 e poucos anos, o campeão benfiquense está em excelente condição para se fixar com autoridade entre os melhores atletas que hão-de prestigiar o futuro do atletismo português.

— Desde muito novo que faço atletismo — disse-nos uma tarde destas quando o encontramos numa das ruas de Lisboa. E gosto muito deste desporto — confirma.

— Como principiou?

— Na Mocidade Portuguesa. Pertencia ao Centro Extra-Escolar n.º 3, funcionando no Liceu Pedro Nunes, até que em 1942 apareci a correr pelo Benfica, nos «Estreantes».

Nós podemos acrescentar que já muito antes Paquete corria a bom correr em várias provas que se organizavam entre rapaziada no jardim da Estrela. E era ele quem se destacava sempre.

— O princípio da sua carreira?

— Não foi mau. Fui um bom 2.º nos Nacionais, com o tempo do Núnico e campeão na estafeta 300 x 150, triunfando nos 5 x 60 e nos 5 x 80. Nos regionais de juniores tive um «record» nos 3 x 100. Depois parei.

A época passada pude pensar mais a sério no atletismo, fui 2.º nos Regionais e nos Nacionais, obtive o «record» da estafeta sueca e bati os «records» de Portugal dos 4 x 100 e 3 x 100. Em Espanha fiz muito bem os 100 metros.

Este ano voltei com vontade à pista.

Os Regionais e os Nacionais, na minha especialidade, satisfizeram-me.

— Mas em Espanha...

— É verdade. Ia absolutamente confiado, e tinha razão para isso. Mas foi uma saída desastrosa. Tudo o que era mau nos rodeou e todos nos ressentimos. Ainda hoje, passados alguns dias, me sinto dessa ida a Espanha.

— Que especialidade prefere no atletismo?

— Os 100 metros. Gosto de provas que obriguem a grande velocidade. Talvez para o ano tente os 200 metros.

— Está satisfeito com a sua actividade desportiva?

— Pelo menos estou de bem com a minha consciência e com o meu tempo nos 100 metros. Dizem que tenho sido ajudado pelo vento. Mas o certo é que com vento ou sem ele os outros ainda não o fizeram... Claro que procuro melhorar. Parece-me que o conseguirei.

— Sente-se bem no Benfica?

— Muito. A rapaziada que veste as equipas de atletismo é excelente de camaradagem. Antes do Benfica ainda estive no Sporting, mas foram só 15 dias. Hoje já sou Benfica de alto a baixo.

— Quais os adversários que mais o preocupam?

— Todos me metem respeito. Uns dias uns, outros dias outros. Conforme eles estão de disposição. Mas talvez o Eleutério ou o Núnico.

— Os que mais aprecia?

— Todos os nossos atletas. Vejo sempre com agrado o desejo que têm de fazer mais e melhor. Se algum deles não faz boas «marcas» é porque lhe foi absolutamente impossível. E esta minha afirmação é para lhe garantir que todos nós no atletismo, onde somos amadores verdadeiros, fazemos desporto com prazer, sempre com «gana» de fazer hoje melhor do que ontem.

— Depois dos 100 metros, que provas gosta mais de ver?

— Os 200 e os 400 metros, o salto em altura e os 110 metros barreiras.

— Nas outras modalidades?

— O futebol e o basquetebol. Mas, se não praticasse o atletismo preferia a natação, apesar de não saber nadar...
— Qual o atleta que gosta mais de ver em actividade?
— São dois. João Silva e Matos Fernandes.
— Aspirações?
— Fazer mais e melhor. Interessa-me a mim como atleta, ao atletismo e ao desporto nacional.
— Espera praticar a modalidade durante muito tempo?

Esta pergunta colocou Paquete por momentos em silêncio. Depois deu-nos uma surpresa.
— Pelo que gosto do atletismo espero conservar-me em praticando a modalidade mais umas épocas. No entanto talvez tenha de abandonar o atletismo de Lisboa de um momento para outro. Devo ir para África, fixando-me em Bissau. Mas, se assim suceder, o que é natural, procurarei ver se consigo movimentar o atletismo na Guiné Portuguesa. Por lá não há grande interesse pela modalidade, nem mesmo quem o oriente. Experimentaria, com aquilo que sei e algumas indicações mais que levaria.

— E para que clube?

— Em Bissau há dois. Talvez fosse para o União.

E com esta novidade se despediu de nós o esperançoso campeão português.



1 — Tomás Paquete, em boa passada, atravessa uma rua de Lisboa. 2 — Em plena prova, no seu estilo característico. 3 — Em conversa com a «Stadium»





João Lourenço à saída de Cacilhas corresponde sorridente aos aplausos



Um conselho de amigo...



O sr. Amadeu Seabra, presidente da Assembleia Geral do Grupo Desportivo «A Iluminante» despede-se dos seus corredores



A saída de Cacilhas, quando passaram os ciclistas benfiquenses



1 — A Emissora Nacional anda na «Volta». A equipa da rádio é constituída por Lança Moreira, Raul Pácos, José Ribeiro e J. Dinis.

2 — Um aspecto da concentração dos ciclistas no Estádio do Lumiar

3 — João Rebelo recebe o último adeus...

Quem será o CAMPEÃO?

tingente! São tantos os imponderáveis. Há um lote de que pode sair um idolo, Rebelo, Fernando Moreira. E há os amadores. Quantas revelações?

Rebello, um dos favoritos, num encolher de ombros, disse-nos despreocupadamente: — Sei lá. Talvez o Fernando Moreira.

Eduardo Lopes, o campeão iluminante: — Ganha João Rebelo. Por equipas a «Iluminante».

João Lourenço, ri-se ante a nossa pergunta e declarou: o vencedor é João Lourenço.

Serafim dos Santos, o conhecido dirigente da Associação de Ciclismo: — Em «Independentes» Custódio Reis, em «amadores» Serafim Paulo.

Francisco Inácio, o vencedor da X Volta: — É um caso para vermos. Ainda não demos uma pedalada a sério. Depois da 3.ª jornada talvez já tenha uma opinião, até mesmo a meu respeito.

Fernando Moreira, um dos grandes favoritos: — O vencedor é o Aniceto Bruno. Eu...?, e ficou a sorrir-se.

Manuel Rocha: — Só lhe digo que quanto a mim estou bem disposto para o que der e vier...

Lança Moreira, o conhecido locutor da Emissora Nacional e que acompanha a Volta: — Regostijava-me que fosse um dos «novos». O Rebelo é um dos grandes favoritos, mas tenho a impressão que não é ele o vitorioso.

Benvido Cardoso, o homem do Campo de Ourique: — Vence Rebelo ou Fernando Moreira, mas este prognóstico é tão falível!

Jorge Pereira, outro «iluminante»: — Por enquanto não tenho dúvidas, é Fernando Moreira, mas por equipas ninguém nos tira o lugar.

Pais Cabral, o esperançoso corredor do Sangalhos: — Não tenho prognóstico. Insistimos e confessa: — É Fernando Moreira, Rebelo ou Driss.

Angelino Fontes, o conhecido magagista do Benfica — 8 voltas a Portugal: — Vejo o Fernando Moreira com a camisola amarela, tem qualidades para isso.

Ainda temos tempo de ouvir a opinião de um veterano da «Volta», o jornalista **Belo Redondo**: Quanto a corredores é impossível previsões, mas o que é já certo é que o grande vencedor da XI Volta é o «Diário de Notícias».

O barco acostava ao cais de Cacilhas. Estrelavam foguetes. Por entre filas compactas de povo que os vitoria, os corredores pedalavam com entusiasmo a caminho da Cova da Piedade.

Começara a disputar-se a XI Volta a Portugal em bicicleta.

Fernando Sá

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

Cerdan em Lisboa?

O grande campeão europeu Marcel Cerdan, vencedor do negro Holmer Williams, talvez volte a combater em Lisboa, cidade que lhe deixou magníficas recordações.

Cerdan, cuja personalidade de projecção europeia é bastante apreciada, encontrará, possivelmente, Evélio Musteliler, aliás Kid Tunero, pugilista cubano de grande estilo e magnífica esgrima.

Cerdan contra Vince Hawkins

ASSEGURA-SE nos meios desportivos parisienses que o próximo campeonato europeu dos «médios» se efectuará entre o campeão inglês Vince Hawkins e Marcel Cerdan.

Hawkins conta 23 anos e no seu vasto cadastro não figuram derrotas.

O campeonato europeu dos «semi-leves»

RAY FAMECHON, campeão da França, lutará brevemente contra o pugilista belga Kid Dussart, verdadeira maravilha de ciência, bem conhecido no seu país pelo encendrado «amor» que vota a frituras e a bifes...

O combate será para o título europeu da categoria. Note-se que Famechon já foi derrotado por Dussart, a 16 de Setembro de 1945, por pontos, em 10 assaltos.

Joe Louis contra Elmer Ray

DOIS empresários argentinos, recentemente chegados a Miami, procedentes de Buenos Aires, declararam que se propõem concertar um desafio de boxe na capital do Rio da Prata, entre o campeão mundial Joe Louis e Elmer Ray, alcunhado de «o violento». Este último, em 39 combates consecutivos, obteve 37 vitórias por K.O.

A revista «The Ring», dos Estados Unidos, situa-o em quinto lugar na escala dos melhores da classificação referente ao mês de junho.

FUTEBOL

Em Inglaterra

DEPOIS de sete anos de ausência forçada, o célebre clube de futebol Arsenal, de Londres, regressou ao seu campo próprio, situado em Highbury Hill, o coração da cidade.

Numeroso público aguardava junto aos portões da Avenell Road a entrada dos jogadores, em especial rapazes, munidos com livros de autógrafos, que fizeram excelente colheita de assinaturas.

O Wolverhampton Wanderer's dispendeu mais de mil libras em melhoramentos na sua clínica privada. Uma novidade, inventada pelo fisioterapeuta G. A. Palmer, consiste no «exerciclé», bicicleta que, sem se deslocar, obriga o paciente a massajar-se automaticamente, tais são os movimentos inesperados do guiador, do selim e dos pedais do referido instrumento.

ATLETISMO

Os campeonatos de França

OS campeonatos franceses de atletismo concluíram, com brilhantes resultados, nalgumas provas. Julien Lebas venceu os cem metros em 11 segundos e Etienne Bally os 200 em 21,9 s. Os 400 metros foram ganhos por Jacques Lunis (48,3 s.) e os 800 couberam a Chefdhôtel, no bom tempo de 1 m. 53,4 s.

O jornalista Hansenne dominou os 1.500 em 3 m. 54,3 s. Na légua, Pujazon conseguiu um resultado magnífico: 14 m. 37,9 s.

Nos saltos e concursos—exceptuando a vara e o martelo—houve boas marcas: altura, 1,91 metros; comprimento, 7,19 metros; triplo, 14,06 metros; peso, 14,15 metros; disco, 42,88 metros; dardo, 60,55 metros.

A Inglaterra venceu a França

POR 72 pontos a 57 a equipa de atletismo inglesa derrotou a francesa no encontro internacional realizado em Londres. Presenciaram a luta cerca de cinquenta mil espectadores.

Os principais artifices da vitória britânica foram os conhecidos atletas negros, Mac Donald Biale, que igualou o recorde nacional das cem jardas, fazendo 9,7 s., e Artur Wint, vencedor moral das 880, que cedeu voluntariamente a favor dum concorrente do seu país, o príncipe Adedoyin, saltador em altura (1,93) e em comprimento (7,32), etc.

Nos concursos, a França dominou. A melhor prova de todo o certame foi a corrida entre o pequeno ajudante de notário Sidney Wooderson e Rafael Pujazon, nas 3 milhas (4.827 metros), que o primeiro ganhou, por 30 metros de avanço, em 13 minutos e 57 segundos, a três de diferença do seu recorde nacional.

NATAÇÃO

Um recorde de Espanha igualado

EM Barcelona, na piscina do Clube de Natação, e presenciada por numeroso público, realizou-se, no dia 6, uma tentativa oficial para melhorar o tempo recorde, espanhol, de 4x100 (estafetas) em poder da Equipa Castellhana com 4 minutos 24,8 s.

Os nadadores Pera, Boronat, Piqueras e Castillo, da Federação Catalã, apenas conseguiram igualar o resultado antecedente, batendo a marca regional, que era de 4 m. 27,9 s.

Os tempos parciais de cada um dos concorrentes foram os seguintes, respectivamente: 1 m. 3,2 s.; 1 m. 8,8 s.; 1 m. 7 s.; 1 m. 5,8 s.

NOTA DA SEMANA

CERTOS incidentes da vida diária, mesmo banais, encerram, geralmente, uma lição proveitosa. E, nem sempre descortinada é difícil: como as fábulas, os múltiplos fenómenos que compõem a existência destilam boa moral e extrai-la constitui ciência de pingue valimento.

Na noite de 29 de março último, um antigo pugilista profissional inglês, Harry Moody, agora inclinado ao comércio de murros como empresário de boxe, celebrava em Hull certo espectáculo de importância. Sob seus auspícios, o futuro campeão absoluto de Inglaterra, Bruce Woodcock, discutiria com Jorge James qual de ambos era mais bruto.

O senhor Moody (apelido que, traduzido em língua portuguesa, significa «fantástico» ou «extravagante...»), embora o negócio lhe corresse por fora, resolveu quedar-se em casa, desprezando o ditado consabido de «quem dorme, dorme-lhe a fazenda».

Em vez de acompanhar a bilheteira e o decorrer da função, apagou as luzes, tirou os sapatos e calçou umas luvas de quatro onças, velhotas, que guardava como recordação de bons tempos.

O telefone tocou várias vezes, mas não fez caso. Por fim, um ruído estranho de pessoas cautelosas feriu-lhe o ouvido e, com agilidade própria de quem pisou a plataforma do «ring», o sr. Moody foi ao encontro dos visitantes.

O policia de ronda, espécie de guarda-nocturno, contou assim o caso ao tribunal:

«Eu ia perto da casa quando ouvi uma barulheira dos infernos. Aproximei-me da porta e caí-me nos braços aquele «pardal» (indicou com o dedo um dos sujeitos, sentado no banco dos réus...), que me disse: Não tivemos sorte! Fomos filados! O meu companheiro, Fred Bielby, safou-se! Foi ele quem me meteu neste sarilho!»

Pouco depois o Bielby era capturado. Tinha um olho preto e o beijo de cima inchado desmedidamente.

O empresário fora avisado que ladrões fariam uma limpeza à sua residência, aproveitando as horas do espectáculo, e preferiu recebê-los com todas as honras.

Há três semanas o caso teve o epílogo judicial previsto: Bielby foi graticado com vinte e um meses de trabalhos forçados e o colega coleccionou dois anos de cadeia.

O extraordinário desta história banal e corrente está na atitude assumida pelos homens do fóro, o advogado dos ladrões e o juiz da causa. O primeiro, acusou o sr. Moody de possuir maus fígados, interpellando-o nos termos seguintes:

— Com que então, o senhor saboreia uma brutalidade doméstica, organizada a preceito, em vez de outra, legal e pública, ainda que feita com desmazelo?»

O juiz, todavia, observou o assunto com grande desportivismo. Eis as suas declarações essenciais, dirigidas ao acusado:

— «Felicito a Providência, Bielby, porque você, antes de sofrer o rigor da lei, levou uma sova magnífica aplicada pela vítima. Pensando que podia ter assaltado a casa de qualquer pobre senhora indefesa, vou presentear-lo com uma pequena lembrança, etc., etc.»

E ditou a pena ao escrívão.

Não diremos ao leitor a moral da história, por desnecessário. Aos gatunos profissionais lembraremos que é vantajoso indagar se o proprietário tem guardado na gaveta algum par de luvas de quatro onças e sabe servir-se delas.

R. B.

VELA

As regatas de Vigo

COM a participação das frotas do Clube Náutico de Vigo, da Escola Naval Militar de Marin e da Esquadra, concluíram as três regatas oficiais para disputa das taças «Generalíssimo» e «Ministro da Marinha».

Na classe «star», triunfou «Brisote», de Marin, seguido de «Mascat», de Vigo.

Na classe «snipes», venceram os barcos «Airosa» e «Sur», ambos de Vigo.

Nesta mesma categoria de barcos, série B, ganhou o «Harmónia», também viguense.

A taça «Ministro da Marinha», para ser conquistada por pontos em dois anos seguidos ou três alternados, coube ao «snipe» «Chirringo».

A taça «Generalíssimo» foi adquirida definitivamente pelo Real Clube Náutico de Vigo, vencedor em 1945, na baía de Marin, e que repetiu agora a proeza.



Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Quando escrevemos, o internacional António Feliciano, do Belenense, ainda não assinou a sua fi-ha; no entanto, parece posta de lado a sua colocação no Brasil.

O conhecido jogador goza as delícias das suas férias na Figueira da Foz — encantado da vida. Veio, há dias, num salto, a Lisboa, e voltou a fugir. O Belenense aguarda serenamente a decisão de Feliciano. O bom filho voltará à casa belenense.

Alguns clubes já começaram com os treinos. Outros retomaram nesta semana a laboração. Pode dizer-se que, dentro de dias, os terrenos de futebol voltarão a animar-se. O Belenense foi o primeiro a calçar as botas. Tendo uma viagem projectada a Lourenço Marques — justifica-se o rigor da preparação. Consta-nos, porém, que o projecto se malogrrou.

Lemos a notícia de que o Atlético de Bilbao virá a Portugal abrir a época, no Porto, contra o campeão local. Nós somos cépticos nesta matéria. As dificuldades — que não desportivas — à volta da deslocação de grupos espanhóis a Portugal ou de portugueses a Espanha são tão grandes que, em geral, nunca são remediadas. Os adeptos limitam-se a ver estes célebres desafios — nos jornais...

Diz-se que um antigo jogador espanhol, Ricardo Gallart, virá treinar um clube de Chaves. Gallart jogou no Espanhol, de Barcelona, e depois no Oviédo. A notícia encerra alguma coisa de estranho. Como é que um clube modesto está em condições de fechar contrato com um bom treinador espanhol? Enfim — Chaves fica próximo da fronteira!

Tem-se falado muito em transferências. Podemos assegurar que, na verdade, há muitos pedidos, relativamente, na Federação. Mas quase todos são de jogadores desconhecidos. Os elementos de primeira categoria deixaram-se ficar onde estão, ou por comodidade, ou por conhecerem as dificuldades da sua transferência.

Manuel Afonso, o presidente do Sport Lisboa e Benfica, desgozoso com a marcha dos acontecimentos desportivos que se prendem com a Federação de Futebol — na expressão do boletim do clube — apresentou o seu pedido de demissão, justificando, perante o sr. Director Geral dos Desportos, detalhadamente, a sua decisão.

Manuel Afonso não é um dirigente que se veja partir — indiferentemente. A sua inteligência, capacidade de trabalho e dedicação pelo desporto, e a sua personalidade inconfundível — deram-lhe há muito um lugar que de direito lhe pertence. Esse posto fica vago — mas sem substituto.

A Federação Portuguesa

traçou as directrizes da próxima temporada

CORRIAM as notícias mais desencontradas acerca do que se iria passar na próxima época, em matéria de campeonatos. Diziam-se mundos e fundos. Quase toda a discussão era orientada em um fim último: a constituição da Primeira Divisão do Campeonato Nacional. Ainda e sua ligação com os Regionais.

Surgiam as opiniões mais dispares. Uns, eram pela eliminação dos Regionais. Outros, pela sua manutenção. Quanto à Primeira Divisão, enquanto uns defendiam os direitos já adquiridos, no sistema adoptado em 1945-46, outros opinavam que, mantendo-se os Campeonatos Distritais, estes deviam ter uma missão de exame de passagem. Sabemos de terras ou Associações, directamente interessadas no assunto, em que o caso estava a ser debatido com vivacidade e paixão.

Na sua última reunião a Comissão Administrativa da Federação, e que preside essa alta figura que é o sr. engenheiro André Navarro, pôs termo às discussões. Acabaram-se as palavras. Estamos nos céptos e no capítulo das decisões. Os Campeonatos Regionais mantêm-se, sem influência de classificação para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão, que continuará a ser disputado pelos doze clubes já apurados.

De uma cajadada mantaram-se dois coelhos. Ou melhor, resolveram-se sensatamente vários problemas de importância: os que respeitavam aos Campeonatos Distritais e à Primeira Divisão do Campeonato Nacional.

Quanto à Segunda Divisão, sabe-se também o seguinte: — Que o sistema de acesso à Primeira Divisão (passagem do campeão da Segunda e descida automática do último da Primeira); e discussão em campo aberto de mais um lugar entre o penúltimo da Primeira Divisão e o sub-campeão da Segunda) mantêm-se, por enquanto, inalteráveis.

Louvamos esta maneira de proceder da Federação. Avisando com tempo, e ainda sem se saber como as coisas correrão, o Organismo máximo prestigia-se — revelando a característica neutra que lhe dá plena autoridade. Os campeonatos Distritais começarão em 15 de Setembro, e a Primeira Divisão do Campeonato Nacional terá início em 24 de Novembro.

A Federação não procedeu de ânimo leve — mas sim após consulta aos núcleos distritais. De um modo geral, verificou-se acordo na orientação. A ter de sacrificar-se um dos três torneios — que seja o da Taça de Portugal. Pela nossa parte, vemos o desaparecimento desta Prova, a única que tinhamos no sistema a eliminar, com verdadeira tristeza, mas não há dúvida que o problema da organização dos campeonatos portugueses está resolvido com lucidez e oportunidade.

Quanto ao programa dos encontros internacionais acha-se estabelecido, em princípio, o seguinte: Portugal-Suíça, em Lisboa, a 12 de Janeiro; Irlanda-Portugal, em Dublin, a 4 de Maio; Portugal-Inglaterra, em Lisboa, a 25 de Maio; Portugal-Suécia, em Lisboa, a 15 de Junho. Os desfechos Portugal-França, em Paris, e Portugal-Espanha, em Lisboa, estão em projecto, e tudo dependerá das condições propostas pelos países nossos adversários.

A época internacional apresenta-se, por consequência, sob bons auspícios. Carregada de jogos. Chegou a altura de fazermos alto e claro à Espanha. E nós, que temos transigido em tudo, temos agora a melhor das oportunidades para irmos de encontro ao jogo peninsular como deve ser, em absoluto pé de igualdade. Já nem sequer nos lembramos do tempo em que batíamos à porta do nosso vizinho — na esperança de que ele se nos abrisse...

A Suíça, o primeiro país que nos visita, pratica um futebol de puro quilate. Eis um team que sabe jogar, mas que ordena lentamente os seus movimentos — com futebol inteiramente diferente do nosso. O encontro servirá como rectificação do Grupo Português.

A deslocação portuguesa à Irlanda não se apresenta fácil ou isenta de obstáculos. Os irlandeses não ficaram convencidos da derrota no Estádio Nacional, mormente depois da sua vitória no Metropolitano, em Madrid.

Que dizer, em seguida, da visita dos Mestres ingleses, os mais famosos jogadores do Mundo, recentemente fillados na F. I. F. A., e que se preparem para demonstrar que continuam a ser os inventores e técnicos inigualáveis? Vem depois a Suécia, cujo valor se desconhece em Portugal, mas que tem no seu activo uma época de ouro.

Julgamos saber que o Seleccionador Nacional, o nosso querido chefe de Redacção, Tavares da Silva, está em contacto com a Federação Portuguesa, por intermédio do seu ilustre presidente, e que a fórmula adoptada se consubstanciará, cada vez mais, na seguinte síntese: fazer da selecção portuguesa um autêntico team.

Os mais importantes problemas do futebol português estão, pois, realizados, e tudo leva a crer que as restantes questões (ponhomas em primeiro lugar o caso arrelvamento dos campos) sejam solucionadas com o mesmo equilíbrio e ponderação. Pela parte que nos toca, contribuiremos, na medida do possível, para a sua solução — afastados da orientação doente de deitar abaixo, e não vendo pessoas, mas problemas. Já ninguém acredita que possa haver outro caminho de bem servir o Jogo.

Há resposta

para tudo...

P. 427 — Qual a razão porque puseram a Artur de Sousa a alchunha de Pinga?

P. 428 — Este ano haverá os campeonatos distritais, ou há só o Nacional?

P. 429 — Rebelo, ex-Cuf, de Lisboa, encontra-se em Guimarães, já há alguns meses. Terá autorização da autoridade máxima para alinhar na próxima época pelo Vitória de Guimarães? (Um Vitoriano de Guimarães).

R. 427 — Trata-se de uma designação por que era conhecida a sua família na Madeira. É o que julgamos, pelo menos.

R. 428 — Realizam-se esses dois torneios. A Taça de Portugal é que está em perigo.

R. 429 — As transferências ainda não estão concedidas.

P. 430 — Acha que Rogério abandonará o futebol? Caso contrário, continuará a ser internacional?

P. 431 — Em sua opinião, não será Rogério um dos maiores jogadores que têm aparecido no nosso futebol? (Um benfiquense de Viana do Castelo).

R. 430 — É nosso convencimento que Rogério continuará a jogar. A sua vida de jogador e de internacional ainda não findou. Pelo contrário, está agora no começo.

R. 431 — Rogério é um magnífico jogador. Certamente do melhor que o nosso futebol tem produzido.

Corre que...

A Câmara Municipal de Lisboa está a tratar do levantamento cadastral e topográfico dos terrenos de Carnide para provável instalação do Benfica.

É possível que o Sporting não jogue, durante toda a época, no seu campo do Lumiar, mas este sacrifício do arrelvamento é bem visto pela sua massa associativa.

Não haverá transferências de jogadores conhecidos.

No capítulo da arbitragem vai fazer-se um esforço no bom sentido: aperfeiçoamento dos juizes de campo, e o maior cuidado possível nas nomeações.

Artur de Sousa (Pinga) dedicará-se a treinador. Começará a sua nova vida em Santo Tirso, mas vários clubes do Porto e arredores requerem os seus serviços.

Tavares da Silva continuará a desempenhar o cargo de seleccionador nacional.

Assinem a STADIUM

Stadium



A equipa do Grupo Desportivo «A Iluminante»



A equipa do Lisgás



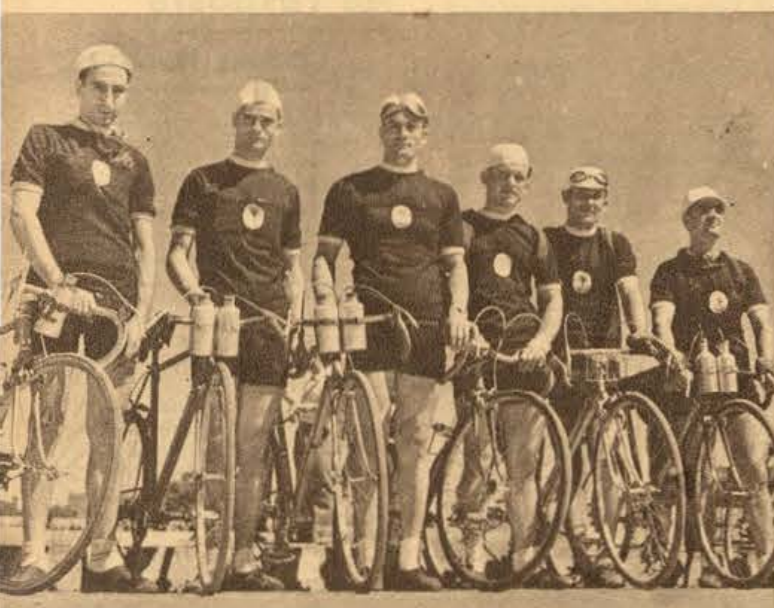
Manuel Palmeira, e Glásio de Tavira



A equipa do F. C. Porto



A equipa do Sporting



A equipa do Sangalhos

XI VOLTA A PORTUGAL em bicicleta
Com entusiasmo e alegria
em conquista da CAMISOLA AMARELA



A equipa do Campo de Ourique



O representante do Académico



Os amadores do Arroios



Os amadores do Benfica



Em Setúbal, Luis Retumba, delegado do F. C. do Porto, veste a camisola amarela a Onofre Tavares



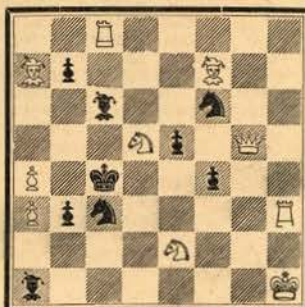
A chegada a Setúbal. Onofre Tavares pousa para a «Stadium» depois de concluir a 1.ª etapa



José Silvestre, delegado do Benfica vestindo a camisola amarela ao corredor José Martins

(J. L. Loschinsky)

Um "match" luso-espanhol em Problemas de XADREZ!



1. Df5 2 X

Variante temática: 1... e 4; 2. Cb6.

Despregagem, por interposição, de peça branca que dá mate abrindo uma linha branca e cerrando outra (sobre c5).

dos autores e os veredictos dos juizes.

Como anunciámos já, a selecção dos nossos problemas está confiada ao distinto problemista sr. Rui Nascimento, e o cargo de «intermediário» entre os «secretários» e os juizes ao insigne compositor britânico Mr. G. F. Anderson.

COMO referimos largamente nos últimos números, iniciou-se a competição de Problemas de Xadrez entre as equipas portuguesa e espanhola, constituídas pelos novos compositores da Península.

Para o devido conhecimento, publicamos a seguir o texto português das Bases regulamentares do «match».

Bases para o Torneio de Composição de Problemas em dois lances entre os compositores novéis de Portugal e Espanha

I) Haverá duas secções, ambas de problemas directos em 2 lances, uma, compreendendo problemas sobre um tema proposto por Portugal (tema P), e outra, problemas sobre um tema proposto pela Espanha (tema E).

II) Tomarão parte neste Concurso os problemistas novéis de cada país. Entende-se por *novel* o compositor que haja iniciado a publicação de seus problemas depois do 1.º de Janeiro de 1940.

III) Cada país apresentará 12 problemas, 6 para cada secção. Os 12 problemas serão escolhidos de modo que nenhum compositor concorra com mais de um problema em cada tema. Assim, cada país será representado por não menos de 6 nem mais de 12 compositores.

IV) Cada país nomeará um «secretário» para escolher os respectivos problemas e enviá-los ao «intermediário», que será previamente designado por acordo entre ambos os países.

V) Haverá dois juizes, que julgarão os dois temas, um proposto por cada nação.

VI) O período para a composição começa em 1 de Agosto e termina em 31 de Outubro de 1940. Oito dias depois desta última data, os problemas serão enviados pelos dois «secretários», em carta registada, ao «intermediário», com nomes e residências dos autores. Em 15 de Julho de 1940, os «secretários» enviarão, um ao outro, os temas propostos pelos seus países, com problema-modelo, em carta registada, por via aérea. Cada um deles enviará ao «intermediário» uma cópia da descrição do tema e acusará imediatamente a recepção, também em carta registada.

VII) O «intermediário» enviará a cada um dos dois juizes a totalidade dos problemas, devidamente numerados de 1 a 12 em cada tema, e previamente baralhados de maneira que não possam ser agrupados os de cada

bando, sem nenhuma outra referência e em diagramas uniformes.

VIII) Os juizes enviarão os seus veredictos ao «intermediário», o qual estabelecerá a classificação final e a comunicará aos «secretários».

IX) Para a classificação, em cada secção, numerar-se-ão os problemas consoante a ordem de valores, de 12 a 1, atribuindo zero aos problemas eliminados, que ocuparão os últimos lugares, sabendo os restantes. A classificação de ambos os temas será o resultado da soma da cifra respectivamente determinada pela ordem estabelecida por cada juiz. Vencerá o «match» a equipa que totalize maior número de pontos no conjunto de ambas as secções.

X) A equipa vencedora publicará, no próprio idioma, um folheto alusivo, inserindo todos os problemas concorrentes, os nomes

ESTÃO conhecidos os três campeões regionais do sul, no hoquei em patins, mas o clube vitorioso é só um: Desportivo do Paço de Arcos. Obteve, porém, triunfo absoluto justíssimo e justificado, pois nas 43 partidas disputadas, a última ainda anteontem, na sua terra, conquistou 42 triunfos, título de glória de que muito pode orgulhar-se e não deve — quanto a nós — vir a ser já mais igualado. Apenas consentia uma derrota, em 3.^{as}, por 3-4, mas essa mesma foi-lhe ditada pelo Benfica precisamente no minuto derradeiro...

Ronde pode encontrar-se performance (em todos os tempos e desde que a modalidade se pratica) com analogia?! Nem sequer o Benfica, nos seus períodos de auge prodigiosa, conseguia qualquer coisa que se lhe assemelhasse! E por isso, acentuando-se que nessa época havia menos clubes (e um nitidamente melhor que os outros todos juntos!) e que se está jogando mais agora, e há maior número de praticantes, a façanha do Paço de Arcos toma foros de acontecimento de grande valto no desporto nacional.

Parabéns ao Paço de Arcos. E as nossas homenagens, singelas mas sinceras — de «catarra» que há mais de duas décadas acompanha as andanças do hoquei português com o entusiasmo juvenil de sempre — a quantos, sem distinção, contribuíram para tal êxito desportivo. Que justificadamente se assinala.

Neste campeonato, que estará concluído no próximo domingo, verificaram-se «marcas» que definem claramente o progresso da modalidade. Mas a pergunta que a nós próprios temos feito, mais de uma dezena de vezes,

HOQUEI EM PATINS

A tríplice vitória do Paço de Arcos

apreciada num relance... E considerações oportunas relacionadas com o mesmo facto

pode e deve aqui ser posta novamente: — estar-se-á a jogar mais e melhor que antigamente?!

Creemos que se joga mais — mas não melhor... Onde se encontram, individualmente, jogadores que se equiparem a um Adrião, a um Adão, a um Prazeres ou a um Leonel?... Os dois primeiros ainda não têm substituto! E, se é verdade que Sidónio é um médio de incontestável categoria (rápido, fogoso e cheio de voluntariedade, capacíssimo, portanto, de «fazer um resultado») e que tanto os primos Correias — como Velez, para nós, o avançado que melhor domina a bola — são elementos categorizadíssimos, certo é, também, que nenhum dos citados tem a calma e a ponderação de um Prazeres, verdadeiramente o cérebro de uma equipa, nem apurada ainda a facilidade de execução e a rapidez de reflexos de um Leonel.

Não hesitamos, porém, em afirmar que se está a jogar mais (não melhor!) e com mais velocidade e engodo pela baliza que nunca. Mas isto não é melhor...

Pode procurar-se, na grande quantidade de praticantes, no número de clubes e de rinks que

existem, com a extraordinária expansão arrabaldina verificada ultimamente, na, enfim, projecção do jogo através da continuidade das competições, a verdade da afirmação aposta acima. E, todavia, continuamos a crer que já se fez melhor prática do hoquei em patins.

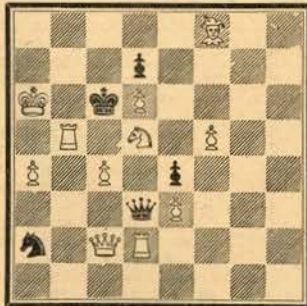
Admita-se, porém, que o campeonato do Mundo, a realizar em Lisboa, em 1947, há-de contribuir para a afirmação categórica do hoquei lusitano no campo das realidades. A disseminação de rinks e a vinda de novos praticantes (diz-se que o Sporting e o Desportivo dos Tabacos vão regressar e que o Atlético, a Cal, o Almada e o Belenenses estreiam para o ano...) devem ser elementos preponderantes para maior propagação.

Quanto à expansão (e não se esqueça que o hoquei tem público fiel apaixonado e que é desporto que dá receita), ela virá com o tempo. Necessário se torna, todavia, não desperdiçar oportunidades nem deixar adormecer entusiasmos e interesses que despontam...

Jorge Monteiro

Tema Portugal

(comp. por J. Casimiro Vinagre)



1. c4 - c5 2 X

Variantes temáticas:
1... DxCd5; 2. Tb6 (directo).
1... RxCd5; 2. c6 (indirecto).

Uma peça branca pregada dá dois mates — um *activo* e outro *passivo*, ou seja, um *directo* (por movimento da própria peça que joga) e outro *indirecto* (por abertura de linha (bateria).

OS CONCURSOS

no IV Espanha-Portugal

Comentários técnicos pelo dr. SALAZAR CARREIRA

PROSSEGUINDO na nossa análise técnica das diferentes provas do encontro de Barcelona, vamos ocupar-nos hoje dos saltos e lançamentos, deixando para terceira e última crónica a apreciação conclusiva e a súmula dos ensinamentos colhidos e que devem ser aplicados no ano próximo, desde a forma pouco generosa e menos capalheiresca como se houve a Federação Espanhola para com os dirigentes portugueses no plano de organização do encontro e sua direcção técnica, até ao critério a impor à preparação dos nossos representantes.

Salto em altura: António Cardoso alcançou o seu melhor resultado de sempre, mas foi inel-el'z durante toda a prova: dois derrubos no 1,80 m., outros dois no 1,84 m. relegaram-no para o terceiro lugar, embora empatsse em altura com Ernesto Pons. O seu estilo necessita ainda de muito aperfeiçoamento, tendo como principais erros: demasiado comprimento do pulo (chamada recuada); rolamento incompleto e no qual enxerta um movimento final de projecção da anca inferior que provoca sucessivos derrubos. E', porém, um saltador excepcional e o português com melhores faculdades para superar o recorde de Espírito Santo.

Matos Fernandes transpôs 1,80 m. à primeira tentativa, mas não pôde ir mais longe, nem mais se lhe podia pedir. A fadiga dos dois 400 metros pesava-lhe nas pernas e parece-nos averiguado que é exagero pedir a um atleta o esforço de três participações individuais num *match* internacional, onde sempre se dispêdo o máximo esforço e se gasta um forte suplemento de energia nervosa, aquela que mais depressa se esgota e mais anula os recursos do participante.

Dois palavras sobre o vencedor, o espanhol Lara, um dos heróis da jornada: 1,71 m. de estatura, corpo franzino, 1,87 m. transposto!

Carloto caso, o seu: a Federação não o inscreve nos Nacionais; reclama, e responde-lhe que não o podem levar a Barcelona pois não oferece garantias de conseguir o mínimo de 1,70 m. Oferece ir à sua custa e autorizam-no: classifica-se segundo com 1,81 m. e oito dias depois é campeão ibérico com seis centímetros mais. Tem uma elasticidade fantástica e executa na perfeição o seu golpe de tesoura horizontal com viragem interior. Tão bem como Pons, não é preciso dizer mais.

Foqamos o primeiro atropelo ao regulamento por parte do senhor director dos concursos, um homenzinho enlezado que deambulou pelo terreno envergando um ridículo bibe de ganga azul, amarrado na cintura e formando para baixo salote até meia coxa: a barra sabia arbitrariamente, sem ritmo certo, sem prévio comunicado aos saltadores. Começa em 1,60 m., subia para 1,70 m., 1,76 m., 1,80 m., 1,84 m., 1,87 m. e 1,92 m.

Salto em comprimento: Álvaro Dias e Tamegão conquistaram os dois primeiros lugares, com marcas aproximadas aos seus melhores resultados da época. Dias alcançou sucessivamente

6,65 m., 6,73 m., 6,49 m., 6,72 m., 6,58 m. e 6,83 m.; Tamegão, 6,52 m., 6,70 m., 6,73 m., 6,54 m., 6,42 m. e nula a última tentativa.

O novo campeão ibérico prejudicou-se com a corrida hesitante, o que nunca lhe permitia chegar à tábua com aceleração suficiente para aproveitar na íntegra a sua magnífica impulsão.

O espanhol Valhonrat, que no princípio da época se creditava de excelentes resultados, baixou muito de forma e não foi além de 6,49 m.; Navarro, que começa muito mal, teve as suas duas únicas tentativas normais fixadas em 6,62 m. e 6,64 m.

Salto à vara: uma das grandes desilusões portuguesas, cjas responsabilidades é preciso distribuir a quem pertencem.

Os saltadores nacionais partiram de Lisboa sem as suas varas habituais, e isto é um erro que nada justifica, nem se concebe que o hajam autorizado os dirigentes técnicos que chefiaram a equipa.

Foram, uns e outros, na ilusão de encontrar em Barcelona varas excelentes (a eterna história da galinha da minha vizinha) e, afinal, a consequência foi desastrosa. No entanto, — embora o facto não excuse a imprevidência anterior — disseram-nos os que assistiram ao treino de sexta-feira que Montalvão transpos, com a vara nova, ao primeiro ensaio, 3,50 m., (Imprudente critério do orientador este de consentir em treino tão próximo da prova um ensaio sobre o máximo dos recursos do saltador).

Não foi, portanto, só a vara a culpada do fracasso. Os dois saltadores quebraram pelo sistema nervoso; faltoa-lhes, talvez, nesse momento crítico, uma assistência estimulante. Recorde-se, contudo, que os dirigentes espanhóis apenas consentiram a entrada na pista a um delegado nosso. Os outros que lá estiveram, como Alberto Delgado, forçaram a entrada e a Alfonso Salcedo, que em determinado momento quis intervir, foi para e simplesmente negada passagem.

Martins Vieira falhou por completo: não foi sequer ele próprio, péssimo sobre a barra, irreconhecível no estilo, sem equilíbrio na trajectória ascensional porque correu sempre para o salto segurando a vara com as mãos exageradamente separadas.

O vencedor, Cano, superava de longe os restantes em perfeição de estilo; o movimento pendular e a viragem, em perfeita descontractação, modelares.

Tripto-salto: fomos vítimas de

outro atropelo do homem do bibe azul.

Alcide comandava a prova com 13,97 m. quando Simon — cujas duas primeiras tentativas haviam sido de 12,87 m. e 12,06 m. — foi creditado em 13,98 m. na terceira ronda.

No ensaio imediato, Alcide ultrapassa os 14 metros; é preciso explicar que a prova se disputava mesmo em frente de nós e que havia colocada por trás da caixa uma régua graduada que permitia com precisão avaliar do alcance do salto. A nossa estimativa correspondera sempre, desde o início da prova, à realidade aproximada.

O salto vencedor de Alcide correspondea à marca dos 7,23 metros e nunca pode ter sido de 7,60 metros como gratamente hoave quem espalhasse. Disseram-nos depois um dos dirigentes espanhóis que a distância medida fora de 7,22 metros.

De qualquer forma, o suficiente para passar, de longe, a vencedor; ovacção do público e grande surpresa ao vermos o sapracido do juiz de concursos, depois da medição, inspecionar, com ares misteriosos, o espaço entre a tábua e o bordo da caixa, à procura ninguém sabia de quê. Averiguou-se, afinal, que era da forma de manter o seu compatriota vencedor, pois declarou nulo o salto, alegando que Alcide roçara pelo chão com a perna oscilante ao passar do primeiro para o segundo apoio. Só queríamos que o famigerado homem do bibe nos dissesse como via a falta, se estava fiscalizando a tábua de chamada!

Felizmente, Alcide tem bons nervos e bom domínio e alcançou 14,09 metros na tentativa imediata e maior distância ainda na última, que foi anulada por indicação dum menino que exercia a importante missão de segurar na fita métrica.

João Vieira não conseguia uma única vez marcar a chamada sobre a tábua; e, segundo nos disse, ninguém o prevenia do facto. O seu salto de 13,78 metros fica a vinte centímetros do seu melhor resultado da época.

Outro pormenor a notar: o secretário da Federação Espanhola, que não fazia parte do juri oficial, foi para a pista na altura da prova dar conselhos aos saltadores. A focar o contraste com o que sucedea a Alfonso Salcedo; uma lição a pôr em prática no ano próximo.

Lançamento do peso: flagrante inferioridade portuguesa; Ruivo, com 12,13 metros obteve o seu melhor resultado da época e foi

dilimo; Pinto Basto, francamente mal e sem atenuantes, ficou em 12,96 m., bastante aquém da sua maior marca do ano — 13,17 m. — com a qual não teria passado também do terceiro lugar.

Torres bateu o nosso recorde por 18 cm. e Erasquin ficou a 6 cm. do máximo nacional de Ruivo.

Para que não esqueça, digamos já que o juri dispunha de uma fita metálica com 50 m. e que foram medidas todas as tentativas dos lançamentos e saltos.

Lançamento do disco: a mesma manifesta insuficiência. Manuel Silva piorou em relação ao ano passado e José Luis não conseguia alcançar distância compatível com os seus recursos e com a promessa dos primeiros resultados da época. A lesão sofrida na mão direita deve ter influido directamente na sua baixa de forma.

Lançamento do dardo: novamente os dois últimos lugares. Sobre Rodrigues nada há a dizer, porque ficou no limite das suas possibilidades e já de antemão se sabia que estava condenado ao quarto lugar.

Tamegão falhou por completo; péssima corrida, curta e hesitante, mau ângulo de partida do dardo. Não era o mesmo atleta que tão agradavelmente nos surpreendera quinze dias antes no Estádio do Lamiar; desnecessário ir mais longe nas apreciações.

Lançamento do martelo: Manuel da Silva conserva o seu título, mas com um resultado inferior; é provável que tenha estranhado a rede circular protectora, mas todos os lançamentos lhe saíram baixos sem que procurasse corrigir o defeito. As voltas no círculo são demasiado saltadas e feitas com os pés muito afastados.

Herculano Mendes já passou a sua época; é curioso registar que os seus resultados obtidos no Porto são sempre muito superiores aos que atinge quando se desloca.

Os espanhóis progrediram muito e para o ano são bem capazes de nos dar um desgosto. **Corrigenda:** da crónica da semana passada passou um lapso nos tempos intermediários dos 1.500 m., que é indispensável corrigir.

O tempo para os 1.000 metros não foi, como vello publicado, 3 m. 9 s., mas sim 2 m. 39 s., o que dá 1 m. 17 s. para a primeira volta (500 metros), 1 m. 22 s. para a segunda e 1 m. 23,6 s. para a última.

Salazar Carreira



O «team» de honra do Sporting de Braga

A linda cidade de Braga reúne hoje condições desportivas para assegurar o êxito que está demonstrando nas suas actividades. Sem dúvida que nesse ambiente sobressai o Sporting Clube de Braga, mantendo firme o esforço desinteressado dos que foram seus fundadores. O ideal de há 27 anos mantém-se com toda a pureza de dedicado sentimento clubista que ajudou a erguer o Sporting bracarense. Presentemente o clube está animado do maior entusiasmo em seguir melhor ainda a sua directriz. A posição do Sporting de Braga é boa, deixando prever um futuro de prosperidade. Em volta do Clube juntam-se inúmeras boas vontades, há interesse, de que ele aliás é merecedor. A posição conquistada no futebol distrital — projectada valiosamente no futebol nacional — é razão forte para toda a animação e interesse que verificamos rodear o Sporting, quando recentemente o visitámos. Ouvimos a soma importante de projectos, apreciámos o desejo de cumprir um programa de trabalhos digno de um grande clube. E o Sporting tem demonstrado possibilidades para tais cometimentos. Com um passado onde assentam 12 anos seguidos na posse do título de campeões distritais e os restantes sempre em segundo classificado, o Sporting, com os seus 1.200 sócios, vai lançar-se em grande actividade. O ambiente actual é bom — garantiram-nos os seus directores, enquanto os olhos se fixavam nas sessenta e tantas taças que embelezam a sala da direcção. O Estado vai ajudar o necessário grande desenvolvimento do clube, onde especialmente se procura fazer gente nova para o futebol. Para isso lá está Alberto Augusto, com a sua bagagem bem recheada de conhecimentos transmitindo aos novos os segredos daquela habilidade que demonstrou, à farta, em Portugal e no estrangeiro. Os juniores são até a grande preocupação de Alberto Augusto, que na época passada reuniu um número de 60 rapazes. E o Sporting de Braga apresentou duas equipas de jogadores juniores, premiando esse trabalho a vitória no campeonato regional.

— Mas o Sporting, para o ano vai ter uma equipa a sério — garantiram-nos os seus directores.

— O futebol minhoto — continuaram — tem hoje grande valor, que em Lisboa não querem reconhecer. O nosso campeonato regional é repleto de interesse. Os clubes repartem entre si o grande entusiasmo que põem no campeonato. E até final nunca se sabe quem é o campeão.

— Não temos dúvidas em nos pôr em confronto com o Porto — diz-nos o presidente da direcção, sr. José Antunes Guimarães. Se houver um jogo entre seleções de Braga e Porto, o «team» bracarense ganhará. Não é confiança demasiada, é a certeza no valor do futebol minhoto, valorizado este ambiente pela boa compreensão desportiva de que os clubes têm dado mostras, ajudando-se mutuamente.

A obra que vem sendo realizada pelo Sporting de Braga deixa parecer claramente que o futuro do clube será brilhante, alargando também com interesse a sua actividade a outras modalidades desportivas. O atletismo, por exemplo, está-lhe merecendo cuidadoso interesse. E há já bons resultados a registar. Alguns recordes portugueses foram melhorados por atletas de Braga — Miguel Cunha e António Machado — e Carlos de Oliveira teve comportamento brilhante, conquistando bom triunfo no recente Porto-Madrid.

O basquetebol preenche outra das actividades a que o clube está dando impulso magnífico. E o tiro também. A Sociedade de Tiro n.º 23, ligada ao Sporting, tem mantido posição excelente. Enfim, o Sporting de Braga é um dos clubes da província com quem se pode contar. A sua «presença» no desporto nacional está firmemente assinalada e, o que é importante, com a afirmação de que muito temos a esperar do valoroso campeão minhoto.

F. S.

Os juniores do Sporting de Braga



O Sporting de BRAGA



O Grupo Desportivo do Colégio Damião de Gois, de ALENQUER: Bacelet Gualdo (mascote), Lucio, Armando, Jacinto e Zeca; Adriano (fiscal de linha), Vieira, Rogério, Alves, Manuel, Julio e Gil, Martinho e Nascimento (árbitro).



A equipa do Clube de Futebol «Os Azues Unidos». No 1.º plano: — Jaime, Atita, Fernando, Rogério, Miranda e Valente. No 2.º plano: — Miranda, Bela, Negro, Rui Lebre, Domingos, Lelo e Adriano.



O onze do Mamarosa F. C., campeão da Promoção de Aveiro. Em pé, da esquerda para a direita: — Patelo, Amadeu, Margaça, Grangeira, Neca e Neves. De joelhos: — Carriço, Rameiras, Hermínio, Carvalho e Salvador.

Crónica de TOUROS



NOITE ventosa, e tormentosa para a empresa, que não conseguiu encher, para os toureiros, que lutaram com masos e com nervosos, e para os espectadores que os sofreram a todos. O panorama, desolador, deixou-se ver logo de entrada, adivinhou-se, mastigou-se na atmosfera pezada, apesar do vento, a pezar, a pezar. Brindou Simão da Veiga ao capitão Maia de Loureiro, e «Ale» brindou

tornou-o ainda mais curto e cravou-o entre ovações delirantes. E, não contente, cravou a grande para duas mãos. Mais ovações e volta à arena ainda com o touro lá dentro, em risco de ser colhido se para a sua valentia houvesse risco que ele não corresse heroico, nesta temporada triunfal. Corta a ovação uma tentativa de cernelha, afinal consumada. Palmas, e novas ovações ao cavaleiro que à apoteose goma os forçados com volta e recolha de chapéus de casacos e até de sapatos. Após tudo isto sai Murteira e começa por sangrar uma boa farpa, e mais duas. Palmas. Outro, brilhante. Ovação. Pede para mudar de cavalo, e volta para bandarilhar a duas mãos o que faz no meio da arena e deixando meio par. Palmas. Mais tentativas meritórias e o cavaleiro de Évora consuma a sorte com suma arte. Muitas merecidas palmas. Outra cernelha, demorada, massadora, mas dominadora, apesar do poder do gordo touro. Chamada ao cavaleiro, e aos forçados.



Simão da Veiga, depois de temporadas sucessivas em Espanha e no México, continua mantendo em Portugal o brilho de sua arte magnífica, alegre e vibrante, disposto a tourear desmolados, como em Espanha os matou, a pé e a cavalo, e sempre moço!

E sai o 7.º, 3.º de lide a pé, e pendúltimo da noite, outro «número dos sr. Oliveira. Bellido dobra-o bem, e Navarro lanceia com muito movimento, e Manuel dos Santos também, que o touro a isso obriga e o vento também. Bandarilhado por Gorjão e «Madritenito» passa a mãos de Navarro que luta com dificuldades nítidas pelo lado direito, ainda que o touro o pudesse ter aproveitado pelo esquerdo se não estivesse tão desconfiado, simula a morte e ouve palmas de consolação. E sai o último e Nascimento dobra-o bem, e Manuel dos Santos sofre logo um desarme, e volta a precisar de concerto no traje pelo que Navarro preenche o tempo com alguns lances, incoloros que outros não permite o touro.

O da Golegã regressa da alta costura, e consegue alguns lances de frente por detrás, apertados e luzidos. Palmas. Agarra nas bandarilhas e deixa um bom par, ainda que descaído. Palmas. Uma saída em falso, e outra com vista de Santos e perda dos dois sapatos de Saraiva que faz o «quite». Outro bom par e Saraiva cerra com sorte porque também ia sendo colhido. Palmas. Manuel dos Santos aguenta o touro em dois «muletazos», depois por ajudados, sem perder a cara mas sem luzimento possível, até que se confia alguns passes com a esquerda, o lado por onde o touro está melhor. Simula e «ustedes disimuleu». Difícil é também para o apontador a discernição do que fizeram os touros do sr. Oliveira e do que lhe fizeram e não fizeram os atapalhados toureiros, e do que não fizeram os do sr. Andrade.

JUIZO CRÍTICO

Deixemos os touros e aos seus donos o desgosto, porque ambos os irmãos, Andrades e Oliveiras, bem desejaríamos que eles fossem melhores. Mas, apesar da bradura dos touros de Almeirim, salvem-se da corrida os inesquecíveis esforços de Simão da Veiga para manter a categoria do toureiro equestre, agora ameaçado por vários perigos mais ou menos ocultos.

Simão da Veiga, no permanente desejo de se renovar e ir mais além, pretende até lidar touros desmolados, para não ficar em inferioridade ante os «espadas» — disse ele e houve quem confirmasse durante um banquete. Se não fossemos avessos a discursos, e se estes não tivessem de ser sofridos em silêncio, teríamos logo dito que em inferioridade estão os que lidam novilhos com as pontas cortadas. E os touros que os cavaleiros lidam só para os cavalos oferecerão mais perigo se porem

(Continua na página 15)

Nas corridas de Guimarães, em que obteve bom êxito o cavaleiro José Rosa Rodrigues, pôde ser visto este adorno de Gorraz, à maneira do telefone de Arruz, mas com ar desafiador, provocante, quasi à portuguesa, o que não admira porque o bom toureiro mexicano parece não sair de Portugal e regressar ao México sem ir a Espanha

com algumas das suas «Verónicas» o 1.º dos sr. Andrade, tanto pela intensidade da luz após a escuridão dos currais. Quando os touros são mansos nada os prejudica, mas, quando não, prejudica-os qualquer coisa, como esta da luz.

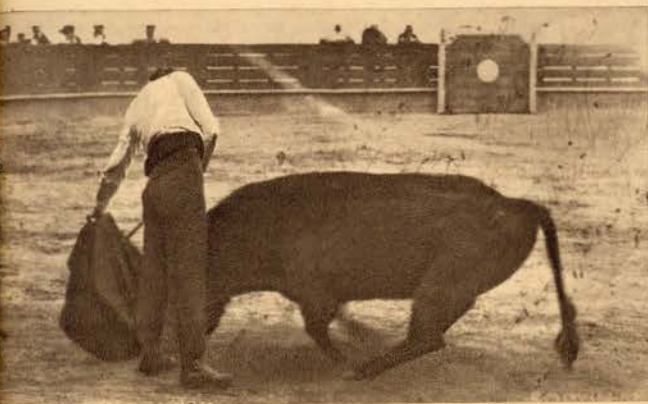
Mas para mansos af está Simão que alegrou como ele sabe, e insistiu e profiou até que o de Andrade meteu a cabeça e levou a 1.ª farpa. Depois, em novos alardes, um curto, espantoso pela maneira de obrigar, em voltas repetidas. E a ovação surgiu para o cavaleiro triunfante. Outro curto, igualmente espantoso, e outra ovação. Ricardo Teixeira, o director de lide, manda pegar e o filho de Matias Leiteiro fa-la de cara, rija e limpa. Palmas. Chamada a Simão e ao forçado que agradece no meio da arena. Manuel dos Santos vai oferecer a farpa a Murteira Correia e ouve palmas, e também o cavaleiro que pela primeira vez aparece no Campo Pequeno nesta época.

Precepio coloca o touro a uma mão, e Murteira crava bem a 1.ª farpa, e logo outra, ambos aplaudido. Depois um curto em sorte tão apertado que o cavaleiro teve que lançar fora a montada para evitar a colhida. Outra também aplaudido. Murteira começou com o natural nervosismo da reaparição, mas acalma. Entra de frente e crava um curto melhor. Saraiva dá uma série de «verónicas».

Segue-se outra péga rija, e aplaudida. Chamada ao cavaleiro que agradece com o forçado.

Um arranjo na arena e sai o 1.º dos sr. Oliveira, que mandaram quatro para substituir os de Silva Vitorino que estavam pequenos. Navarro lanceia a «verónica» bem e valente, e Manuel dos Santos começa movido mas acaba por se parar e mandar bem e com graça. Palmas. Navarro volta por «verónicas», mas logo desiste. Bellido crava um par trazeiro porque o touro se meteu demais, Gorjão outro, a seu modo, e Bellido cerra com um par no chão. Manolo Navarro, prévia preparação de «Madritenito», começa de joelhos, dobrando bem por baixo, ainda que sofrendo perseguições. Depois por passes naturais e ajudados, e «molinetti», sem ligar nem parar ante a casta do novilho. Sai outro dos mesmos sr. Oliveira, com temperamento também, e Manuel dos Santos perde a capa e sofre um toque logo ao primeiro lance. Navarro intervem com dois lances, e o outro Manuel volta e reaparece com precauções. Com as bandarilhas defende-se dificilmente na primeira arancada, e Saraiva é colhido aparatosamente junto a um «burladero», sem consequências, felizmente. Outro momento difícil para Manuel dos Santos também Bellido é colhido, e passa a reinar a confusão até ao director que manda tocar, e é Saraiva que deixa dois pares, difíceis e por isso aplaudidos. O toureiro da Golegã defende-se com a «muleta», a distância e com todas as cautelas dum bilhete que lhe saiu branco. Registe-se a lealdade de Manuel Navarro no auxilio a Manuel dos Santos que se encontrou realmente com um difícil problema.

Após o intervalo sai outro dos sr. Andrade, gordo mas brando, e Simão não lhe teme a gordura nem se domina com a brandura, atirando-lhe com o cavalo para cima, e até com o tricrónio, e acaba por cravar uma grande farpa e outra enorme. Ovação. Correia intervem, e Simão prossegue com a sua alegria a que não há manso que resista. E quando já tudo parecia impossível com um curto, Simão



Assim, de jaqueta branca e calças negras, vendo já claro mas passando ainda «las négras», começou este Diamantino Vizeu que hoje sabe bem vestir o «taje de luces» e fazer investir todos os touts. Ai o temos fazendo o que fazem os melhores e melhorando sempre a sua posição em Espanha por onde anda toureando todos os dias, ficando com escassos pate vir agora tourear duas vezes no mesmo dia, ontem em Alcochete e em Santarém, e no dia 15 nas Caldas da Rainha. E em Setembro talvez o tenhamos já matador de touros, e dos bons!

A DERROTA

dos basquetistas espanhóis

Os espanhóis do Layetano, vitoriosos nos três jogos efectuados em Lisboa, não conseguiram triunfar no Porto.

Contra o Vasco da Gama, sofrendo a primeira derrota, por 43-41, não deixaram os espanhóis de confirmar a magnífica impressão de Lisboa. Vimos, de facto, um grande grupo de basquetebol, embora beneficiasse um tanto da «paragem» dos nossos conjuntos.

É certo que o Layetano não desceu muito nesta sua viagem a Portugal. Jogou todos os dias. Isso poderia ter influído na sua derrota perante os dois melhores grupos do Porto? Tanto como este facto «simples»: — a falta de provas e de contacto com a bola e o cesto, pela banda dos nossos conjuntos. Logo — uma coisa igual e outra.

Mas o que se deu? — Primeiro, a vitória do Vasco da Gama por dois pontos de vantagem. A seguir, um admirável triunfo por parte do F. C. do Porto, que marcou 44 contra 32 — 12 pontos de diferença.

As vilórias dos dois populares clubes portugueses estão certas e amplamente justificadas pelo seu labor. No primeiro jogo, os espanhóis estiveram variadíssimas vezes perturbados com o excelente trabalho dos avançados contrários, e especialmente de Pima. Este jogador teve uma actuação digna dos mais largos elogios. Como os seus companheiros. Finalmente — está provado que o Vasco da Gama possui uma equipa de primeiro plano.

No segundo jogo, contra o aguerrido grupo do F. C. do Porto, os espanhóis entraram com vontade de ferro. Para anular a sua derrota do dia anterior. Os azues brancos fraquejaram a princípio — mas reagiram de pronto. Na segunda parte, embora o Layetano houvesse sofrido a expulsão de um dos seus bons jogadores, os rapazes do F. C. do Porto dominaram a situação, lançando sempre com felicidade e de «qualquer modo». Os espanhóis vieram a concluir o jogo bem vencidos.

Diga-se que o *team* do F. C. do Porto, que deu boas provas no campeonato nacional, visto ter ganho ao Belenenses, Atlético e Sport, teve comportamento meritório. O público que assistiu aplaudiu a equipa largamente e com justificado entusiasmo.

O basquetebol português colocou-se bem. Mas também o basquetebol nacional. Uma das melhores equipas espanholas não conseguiu abandonar o país sem conhecer o trazo da derrota.

Um palácio de desportos

NUMA das últimas sessões da Câmara Municipal do Porto ventilou-se a criação do Palácio dos Desportos. Na discussão tomou parte o sr. dr. Carlos Costa, um desportista que o Porto estima, e, por certo, não deixará tão importante assunto de merecer, igualmente, os necessários cuidados por parte de todos os ilustres readores.

Sabe-se já que na zona da Areosa, com aprovação definitiva por parte da Câmara Municipal do Porto, ficará o Estádio do F. C. do Porto. Um palácio de desportos poderia ficar no mesmo local, para valorização daquela zona, urbanizada com os melhores cuidados. Mas... talvez não seja conveniente.

O Palácio dos Desportos é também uma aspiração da gente do Porto. Já em tempos se falou nisso e apontaram-se vários prédios capazes de servir. No Palácio seria o ideal.

Importava que o Palácio de Desportos ficasse no centro, ou o mais próximo possível do centro, e, por isso, nunca foi fácil chegar ao acordo absoluto. Pesarão ainda idênticos motivos? Poderá o público habituar-se a um Palácio dos Desportos nas fronteiras da cidade?

Julgamos que sim. Embora no Palácio dos Desportos tenha de haver movimento diário, constante, nada impedirá deslocações de desportistas interessados.

Por agora, façamos votos pela criação de uma casa para os desportistas. As Associações vivem, por favor, aqui e além. Mal instaladas. Um Palácio de Desportos, mais perto ou mais longe, solucionaria tão importante problema.

Mosaicos nortenhos...

ALVES TEIXEIRA será convidado brevemente, se ainda o não foi nesta altura, a orientar tecnicamente as equipas de basquetebol da Associação Académica de Coimbra.

Não sabemos se o nosso dislinto colega aceitará o encargo, visto que as suas ocupações são muitas. No entanto, registre-se a honra que lhe tencionamos conferir a Associação Académica de Coimbra, prova indelével do reconhecimento das suas excelentes qualidades de desportista.

✦ A CÂMARA MUNICIPAL desta cidade aprovou o ante-projecto do Estádio do F. C. do Porto. Confirmou-se deste modo aquilo que se escreveu nesta página, no último número, e com toda a oportunidade.

Estamos agora a poucos passos de uma realidade. Oxalá assim aconteça, para satisfação dos desportistas portugueses.

✦ UM DOS MELHORES jogadores lisboenses de futebol está a ser tentado por um importante clube português. Sabemos bem do que se passa, mas nada poderá dizer-se por enquanto. Mais uma semana e desvendará-se o mistério. Sim ou não...

✦ BARRIGANA gosta do «catch». Como é brincalhão, fez constar que se dedicaria ao violento desporto, etc., etc.

Todavia, o guarda-redes do F. C. do Porto resolveu ir amadurecer a idela para as Termas de Vidago. O seu fígado não se compadeceria certamente dos seus gostos de última hora...

✦ O F. C. DO PORTO, até à altura em que escrevemos, não dispensou jogadores. Espera, primeiro, que se completem os seus quadros. Depois se verá...

✦ ESTIVEMOS na Póvoa de Varzim e assistir às provas de ciclismo

efectuadas no Velódromo. Gostámos da tentativa do C. D. P., e também da organização.

Dois coisas apenas: — o programa, com princípio marcado para as 16 horas, apenas começou às 16,45; e a falta de público que compensasse o esforço dos poeveiros.

✦ ANICETO BRUNO é um desportista da melhor qualidade. Ouvimo-lo num intervalo das corridas da Póvoa:

— A Volta...

— Lá vou mais uma vez.

— Esperanças?

— Julgo que a prova será dos novos. Pois oxalá seja um dos meus pupilos, ao menos...

Já agora, uma rectificação oxalá a uma notícia de «Mundo Desportivo». Este nosso camarada de Lisboa, ao apresentar Aniceto Bruno, disse que ele tinha passado do Belenenses para o F. C. do Porto. Não é assim: — Aniceto correu primeiro pelo F. C. P. e depois é que ingressou no Belenenses.

Mais tarde voltou ao seu primeiro clube — o actual. Assim ficará certo.

✦ IMPÉRIO SANTOS, na Póvoa de Varzim, a despeito de formar um misto com Dias dos Santos (F. C. P.), envergou a camisola de futebol do campeão do Norte. Alguém lhe disse da bancada:

— A sério ou a «brincar»?

Respostas:

— A brincar para ser o «sério»...

✦ AGUARDA-SE que no campeonato nacional esteja um segundo clube do Porto. Qual?

Alberto Brito informou-nos:

— O F. C. P., naturalmente, estará isento, visto haver conquistado o posto no último torneio. O seu companheiro será indicado pelos resultados do regional.

«isto, claro, na minha maneira de ver...»



Deve estar contentíssimo o presidente da Direcção do F. C. do Porto. A aprovação do projecto do Estádio do seu clube, pela Câmara Municipal do Porto, tal como deixávamos ver no último número, é com certeza motivo de grande satisfação para o devotado dirigente da primeira colectividade da Capital do Norte.

A construção do Estádio do F. C. do Porto dará muito trabalho. No dia em que os desportistas assistirem à festa que vier a elaborar-se, não deixará de ser lembrada a actuação do dr. Cesário Bonito e dos seus colegas de gerência.

Sabe-se que tiveram de lutar com muita energia e persistência. Bateria a muitas portas, pedindo, solicitando, — incomodando-se ao máximo, para que o campo do F. C. do Porto não se perdesse.

A primeira etapa de sua longa caminhada está vencida. O dr. Cesário Bonito e os seus camaradas de direcção, se mais não fizessem, mereciam já os sinceros aplausos dos seus consócios. A obra realizada impõe os seus nomes à consideração de quantos confiarem no seu trabalho e competência.

Veremos, dentro de pouco tempo, naturalmente, até que ponto contribuiu a actual gerência do F. C. do Porto para a conquista do seu parque de jogos. Insensíveis a opiniões ou altitudes demolidoras — caminharam em frente. Senhores de boa fé, não tiveram receio do futuro. Pois só assim, na verdade, pode vencer-se.

Numa altura em que há notícias optimistas, é oportuno cumprimentar, na pessoa do seu presidente, dr. Cesário Bonito, os directores do primeiro clube da cidade. E oxalá que o mais breve possível possam festejar definitivamente os seus projectos. Nesse dia — compreender-se-á melhor a direcção presidida pelo dr. Cesário Bonito.

A acção do presidente do F. C. do Porto tem sido saliente, neste caso do Estádio, como em muitos outros. Antigo atleta do clube, o dr. Cesário aplica, variadíssimas vezes, na «reparação» de estragos que se notam nas equipas do seu clube, grande parte do seu tempo disponível.

Conhece o desporto desde moço. Por isso sabe trabalhar.

Casa onde
não há pão...

Comentarios

A falta de assunto, enquanto não começava a Volta a Portugal, os comentaristas desportivos entreteveram-se a fulminar com os raios da sua seneidade os dirigentes federativos responsáveis pela deslocação e permanência dos nossos atletas em Barcelona.

Recolhe-se unanimidade de opiniões quanto a certas deficiências de fiscalização e assistência, sobre cujas causas é indispensável tomar para futuro medidas repressivas, mas, a par da crítica ponderada e legítima, apareceram curiosas afirmações, que definem certa desorientação gerada na derrota que surpreendeu a exagerada confiança da maioria dos portugueses interessados.

Perdemos e verifica-se, na argumentação desses tais, que a culpa foi de toda a gente, excepto dos espanhóis, que superaram os nossos, ou dos nossos, que se deixaram dominar por eles.

Lemos de tudo, desde a diatribe preconcebida do crítico cujos ídolos fiharam e se viu obrigado a deixar no lnteiro os ditirambos já preparados e os substituiu, com a «isenção» costumada, pelo ataque cerrado aos dirigentes, — até ao atleta desludido, que não teve a hombridade de reconhecer que foi batido porque os adversários lhe impuseram condições de corrida a que não estava habituado por

comodismo, e acusa enlão o fumo do combóio (miraculosamente guardado durante três dias e meio), os dirigentes e orientadores.

Mas o número sensacional deste levantar de feira foi oferecido por uma entrevistista concedida pelo ciclista João Rebelo (entendidíssimo em matéria de atletismo, como os nossos leitores devem supor), em que se permite criticar também os acontecimentos de Barcelona.

Pasma-se, ao lê-la, sem saber qual mais admirar: se o desplanle do entrevistado, se o «senhido da oportunidade» do entrevistador.

Ilá de tudo, nas afirmações de Rebelo: a falsidade, quando afirma que os maçagistas eram pouco competentes e só estavam habituados a tratar ciclistas, pois se tratava dos maçagistas oficiais da Federação Catalã de Atletismo; a insensatez (em que é conivente o jornalista que lhe reproduziu a afirmação), quando declara que «contribuiu para a vitória de Afonso Marques dando-lhe uma pastilha e um reconfortante» e estimulantes a João Jacinto, João Silva e Francisco Bastos, pois, se isso fosse

verdadeiro (consta-nos que a intervenção de Afonso Salcedo o impediu), implicaria a desclassificação pura e simples dos referidos atletas, porque o regulamento da Federação Internacional proíbe rigorosamente o «doping»; finalmente, o humorismo, um delicioso humorismo, quando verbera os federativos porque não learam na caravana quem cortasse as unhas a Tomás Paquete!

Esta não lembrava ao diabo! Já tinhamos o cozinheiro, vem agora um pedicuro. Porque não também uma manicurista?

Estes são os que ganharam, com certeza, o Reino dos Céus.

Dificuldades, lá como cá

NO programa de competições desportivas estabelecido entre espanhóis e portugueses tem havido últimamente certas flutuações, que, à opinião publica, desconhecadora do fundamento das causas respectivas,

podem e devem parecer estranhas. Assim, aconteceu que esteve por um triz a ser anulado o encontro ibérico de atletismo, pois a Federação espanhola pediu um subsídio de 90.000 pesetas e recebeu apenas 25.000 da Delegação Nacional; valeu, nesta emergência, o auxílio da municipalidade barcelonesa.

O Portugal-Espanha em remo ainda não tem data nem local determinado; fálhou o projecto de Vigo, porque o Ayuntamiento da cidade não pôde arcar com as despesas respectivas e fala-se agora em Barcelona, contando com a colaboração material da Câmara Municipal, mas nada está certo e, se assim não fór, o encontro será transferido para o ano próximo, visto a Delegação Nacional não dispor de fundos para fornecer subvenção suficiente.

Por último, o «match» de natação também voga na incerteza; «Marcan», o mais perigosamente fantástico dos jornais espanhóis, chegou a anunciar que fora definitivamente anulado, mas foi obrigado a rectificar no dia seguinte a notícia.

Sabemos que o presidente da Federação Catalã de Natação tratou do assunto com o representante da Direcção Geral que acompanhou a equipa de atletismo a Barcelona e se mostrou desejoso de que a organização do encontro fosse confiada ao Clube de Natação local, que parece disposto a arcar com as responsabilidades respectivas, mesmo sem ajuda da Delegação Nacional, que, como sempre, se escusa por escassez de recursos.

Sabendo-se que o organismo superior do desporto espanhol vivia folgadamente e dispensava no seu orçamento anual poderoso auxílio financeiro a todas as federações de desportos pobres, surpreenderá a brusca e completa mudança actual.

Lá, como cá, a razão fundamental-se num agravamento de contribuições. A principal fonte de receita da Delegação Nacional consistia numa pequena percentagem cobrada sobre a importância das apostas nos frontões profissionais de pelota basca. O rendimento global orçava por um milhão de pesetas.

Acontece agora que os frontões atravessam grave crise e estão em risco de fecharem suas portas, porque o público apostador se retraiu desde que o Governo alterou o regime de impostos sobre o jogo, aplicando um sistema de aumento progressivo em relação directa com o valor crescente da soma apostada.

Os lucros diminuíram para o jogador, que não consegue já reaver prejuízos anteriores recorrendo ao aumento sucessivo das quantias arriscadas e, em consequência, retrai-se e não aposta.

Esta é a origem da crise que lá longe se reflete na actividade do desporto espanhol.

Crónica de Touros

(Continuação da pág. 14)

desemboçados, salvo queda do cavaleiro; mas isto é outra conversa, em discussão aberta e não em discursos fechados, sofridos em silencio.

Rezão tem o cavaleiro nas suas apreensões acerca do futuro do toureio equestre, mas não será ele o culpado porque, em Portugal e em Espanha, bem tem feito pela sua continuidade, a cavallo e até a pé, como também é da tradição. Se outros não conseguem interessar o público, a culpa é deles, e deles será a culpa do interesse se desviar para os novilheiros que temos agora. E, tal como em Espanha a partir do século XIX, bem pode acontecer que os «espadas» passem a ocupar o lugar dos cavaleiros, a ser anunciados antes nos cartazes, como já está acontecendo na publicidade de algamas corridas com novilheiros. O aviso aqui fica.

Também Marteira Correia não será culpado do que acontecer, porque é dos que está bem montado e sempre animado do de-

sejo de bem tourear, como fez nesta nocturna, em que reaparecia na nossa primeira Praça. Toureou honradamente, de frente, deixando-se ver e entrando tão recto que hoave de marcar seu desvio. E bandarilhou a duas mãos no seu famoso «Gallito».

Manuel Navarro confirmou es-

tar inteirado, ainda que lhe faltem qualidades indispensáveis para vir a ser figura do toureio. Acresce, para nós, que não sabe bandarilhar, condição dispensável em Espanha mas muito recomendável em Portugal, onde não podemos ver matar. Esperávamos que reagisse melhor ante as dificuldades dos novilhos dos srs. Oliveiras. Enfim...

Também Manuel dos Santos não reagiu, antes se inferiorizou, porque, se vai a mais quando tudo lhe corre bem, logo vem a menos se lhe corre mal. Esteve até medroso, e sem esconder o medo, descomposto, movido e comovido. Ao seu 2.º podia-o ter aproveitado melhor ao natural; mas faltou-lhe a presença de Diamantino para lhe indicar o caminho, para o apertar, estimular. Até bandarilhando esteve inferior. A desorientação estendeu-se a todos, desde a direcção até aos peões, salvando-se Procópio, Correia, Saraiva e Fernandes, diligentes os dois últimos, e Gorjão bandarilhando e também Bellido e Madrileño, e «Ale» com duas «tandas de verónicas» a recordar os seus bons tempos. Valentes estiveram os forçados do filho de Matias Leiteiro, com decisão e «leiteira», aquela que não tiveram nem a empresa, nem os ganaderos, nem os toureiros, nem os espectadores.

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

Ano IV — II Série

Lisboa, 14 de Agosto de 1946

N.º 193

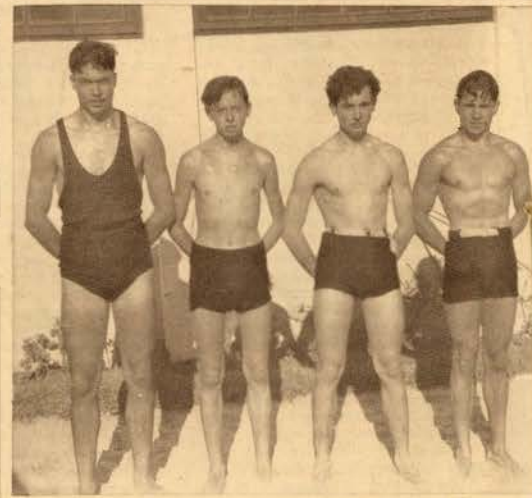
Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Direcção e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 5 1146 — LISBOA
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

El Terrible Perex

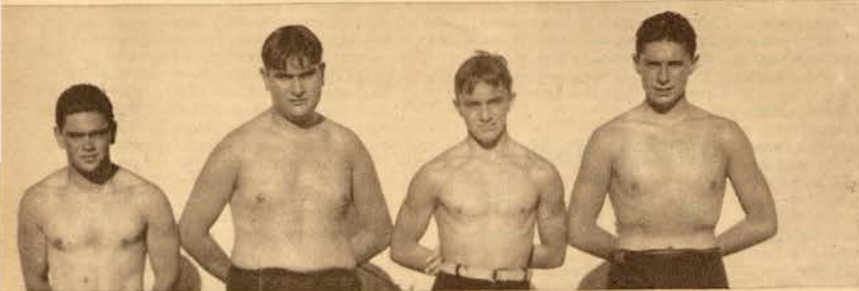
O PORTO DESPORTIVO



No Porto disputaram-se os Campeonatos Regionais de Natação em Iniciados e Principiantes. Um aspecto dos concorrentes



A equipa do F. C. Porto vencedora em Principiantes nos 4x100 metros



A equipa do Vianense concorrente aos Campeonatos



A equipa do Galltos da Foz vencedora em Iniciados nos 4x100



Em Aguda efectuou-se uma animada ginkana em patins de que damos dois aspectos



Um aspecto da ginkana automobilista que se efectuou em Franceles



Oquel em patins. Dois aspectos do jogo entre o Infante de Sagres e o Estrela e Vigorosa

LOZÉ MARTINS



Vendedor de 1.ª classe (amador)

PARB.
XS

2800

2800

A Alumina

A maior organização do Império

MATERIAL ELÉCTRICO

BELTAS

J
O
S
É

M
A
R
T
I
N
S



D
O
S
P
O
R
T
L
I
S
B
O
A
E
B
E
N
F
I
C
A

Vencedor da 1.ª etapa (amadores)

A Iluminante

A maior organização do Império
em MATERIAL ELECTRICO

B I C I C L E T A S

LISBOA

PORTO

Av. Almirante Reis, 6

Telefone de Lisboa: 11-17

2. Rua de Marçabal, 203 A, 203 B, 203

2\$00

Stadium

2\$00